

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
Núcleo de Educação, Avaliação e Produção Pedagógica em Saúde –
EducaSaúde
Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva



***Cartografando territórios existenciais na Terrae Brasilis: um aprendiz-
cartógrafo buscando sentido para sua vida***

Trabalho de Conclusão de Residência

2013 – 2015

Residente: José Antonio Caruso de Lucca

Orientadora: Júlia Dutra de Carvalho

Quem acha vive se perdendo. (Noel Rosa).

Quem acredita não sabe. (Millôr).

Desde a idade de seis anos eu tinha mania de desenhar a forma dos objetos. Por volta dos cinquenta anos havia publicado uma infinidade de desenhos, mas tudo o que produzi antes dos sessenta não deve ser levado em conta. Aos setenta e três compreendi mais ou menos a estrutura da verdadeira natureza, as plantas, as árvores, os pássaros, os peixes e os insetos. Em consequência, aos oitenta terei feito ainda mais progresso. Aos noventa penetrarei no mistério das coisas; aos cem, terei decididamente chegado a um grau de maravilhamento – e quando tiver cento e dez anos, para mim, seja um ponto ou uma linha, tudo será vivo. (Katsuhika Hokusai, sécs 18 – 19).

Uma coisa eu sei: eu era cego e agora vejo. (João 9:25).

Dedicatória:

- À coordenação da residência e todas as pessoas do **EducaSaúde**, da **UFRGS**, envolvidas nela, que com seu olhar permite a criação de subjetividades/ profissionais/ afetos,
- À orientadora, **Júlia Dutra de Carvalho**, que com seus conselhos, correções, indicações, problematizações, afetividade, implicação, possibilitou que esse texto viesse à tona,
- Aos amigos da residência, pelo ambiente fraterno e acolhedor,
- Aos profissionais dos serviços, que dividiram comigo seus conhecimentos e angústias,
- Ao **SUS**, através das pessoas que se implicaram/implicam com esse projeto, que possibilitaram esse espaço de aprendizagem no trabalho,
- À **FAMEMA**, que possibilitou o acesso ao cuidado de usuários do **SUS**, embora nem sempre conseguisse “entendê-los”,
- Aos profissionais de Saúde de Marília, que contribuíram com minha formação,
- À **UNESP**, que acreditou em meu potencial. Especialmente nas pessoas de: Silvio Yasui, Cláudio Edward dos Reis, Carina Rondini, José Luiz Guimarães, Eduardo Galhardo,
- Ao **IBGE**, que me possibilitou ao participar do Censo/2010, conseguir me manter e concluir a graduação,
- Aos amigos de turma da graduação, que dividiram comigo afetos, dúvidas, e acima de tudo, companheirismo,
- À ONG **Viva e Deixe Viver**, que possibilitou o acesso ao ambiente do cuidado, quando ainda nem havia entrado no universo profissional,
- Aos amigos, que mesmo distantes continuam presentes.

Sumário:

01. Notas Introdutórias de um texto desconexo _____	p. 01
02. Carta de Navegação _____	p. 02
03. Bússola Juliana _____	p. 07
04. Carta I _____	p. 08
05. Carta II _____	p. 10
06. Carta III _____	p. 12
07. Carta IV _____	p. 13
08. Carta V - Glória _____	p. 15
09. Carta V e ½ - Ainda Glória _____	p. 21
10. Carta VI - Melânia _____	p. 24
11. Carta VII - Valdrada _____	p. 31
12. Carta VIII - Ercília _____	p. 44
13. Carta IX - Airíliram _____	p. 61
14. Carta X - Viver no Interstício _____	p. 77
15. Referências Bibliográficas _____	p. 84

Notas introdutórias sobre um texto desconexo

Não entendo. Isso é tão vasto que ultrapassa qualquer entender. Entender é sempre limitado. Mas não entender pode não ter fronteiras. Sinto que sou muito mais completa quando não entendo. Não entender, do modo como falo, é um dom. Não entender, mas não como um simples de espírito. O bom é ser inteligente e não entender. É uma benção estranha, como ter a loucura sem ser doída. É um desinteresse manso, é uma doçura de burrice. Só que de vez em quando vem a inquietação: quero entender um pouco. Não demais: mas pelo menos entender que não entendo. (Lispector, 1998, p. 97).

Começo esse texto, alertando ao possível leitor desatento. Será que tu não tens coisa melhor a fazer? Se tu gostas de ler, por que deter-se em algo que, o próprio escritor tem dúvidas quanto a sua veracidade? E se for crível a explanação do autor deste material, o que dizer quanto ao seu valor? Não seria produto de uma mente doentia? De alguém que, “não adere” ao tratamento, prescrito de forma tão precisa e sagaz, por algum profissional da “ciência”, que prescreve virtualmente o seu cuidado com medicamento antipsicótico?

Deixe-lhes explicar: a meta do autor seria escrever para fray Mauro, personagem do livro *El sueño de un cartógrafo*, de James Cowan. A ação passasse no século XVI... Assim, como aceitar que alguém subverta a ordem normal do tempo e escreva para o passado? De que forma seria possível a fray Mauro ler as missivas do autor do texto? A comunicação se daria através de um “Túnel do Tempo”? Creias leitor, o degenerado do escritor incumbirá a orientadora, Júlia Dutra de Carvalho, de realizar essa tarefa. Ela terá a tarefa de fazer chegar essas cartas até fray Mauro, levá-las ao passado...

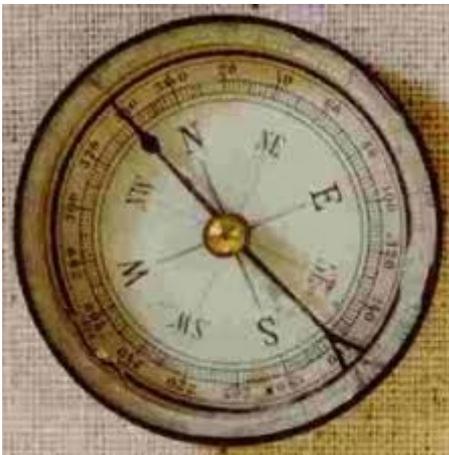
Talvez a resposta seja muito mais simples. Essa foi a estratégia pensada como forma de fugir às amarras da produção acadêmica, com normas, regras, citações, referenciais teóricos. Conhecendo o retrospecto do autor do texto, opto por essa alternativa.

Bem, tu já fostes alertado! Se continuares daqui, será por tua conta e risco. Seria possível, que através da leitura, alguém pudesse romper com as amarras da norma, da objetividade, da sensatez? Seria possível enlouquecer, através da leitura de um texto enlouquecedor?

Autor Anônimo

CARTA DE NAVEGAÇÃO

Tudo isso para que Marco Polo pudesse explicar ou imaginar ou ser imaginado explicando ou finalmente conseguir explicar a si mesmo que aquilo que ele procurava estava diante de si, e, mesmo que se tratasse do passado, era um passado, era um passado, que mudava à medida que ele prosseguia a sua viagem, porque o passado do viajante muda de acordo com o itinerário realizado, não o passado recente ao qual cada dia que passa acrescenta um dia, mas um passado remoto. Ao chegar a uma nova cidade, o viajante reencontra um passado que não lembrava existir: a surpresa daquilo que você deixou de ser ou deixou de possuir revela-se nos lugares estranhos, não nos conhecidos. (Calvino,1972, p.14)



...12/12/12, caminho pela Av. Tiradentes, em Marília. Propositamente, fui e voltei ao centro dessa forma: estou furioso, com os últimos acontecimentos na **FAMEMA** – Faculdade de Medicina de Marília, vulgo a “Gloriosa”. Há dois anos, tinha como projeto fazer uma especialização, particularmente uma residência, hoje eu estou aqui, descontente, irritado com tudo que está acontecendo e aconteceu, nos últimos dez meses.

...12/12/12, uma ida e volta até a cidade, penso no que fazer, como encontrar saídas, em não me assujeitar, em não me moldar, e, não ser um profissional “aceito” pela “instituição”. Lembro que já havia pensado, caso não conseguisse uma colocação estável após a conclusão da residência, fazer outra. Lembro-me da **UFRGS**, e de Porto Alegre. Lembro que surpresa foi a prova, mas considerando-a muito inteligente. Vem a lembrança da partida de POA dia 11/12/11. Lembro-me da lua cheia que observava a minha partida. Pensava se estaria de volta em janeiro para a inscrição.

...12/12/12, acesso a net e vejo que a prova da **UFRGS** será em janeiro, que a inscrição está aberta e se encerrará dia 19/12/12. Porém, lendo o edital sou surpreendido com a informação que não é possível ser R2. Só que ainda não sou. Mas, teria de fazer a prova neste ano, não poderia terminar a residência da “Gloriosa”.

...12/12/12, um dia emblemático. Porém, só me dei conta disso posteriormente. Talvez isso devesse ter-me ocorrido: colocarem-me numa situação de desconforto, desrespeito. E, lembro que a raiva tem me movido. Uma RAIVA SANTA! Que me coloca em ação, em movimento.

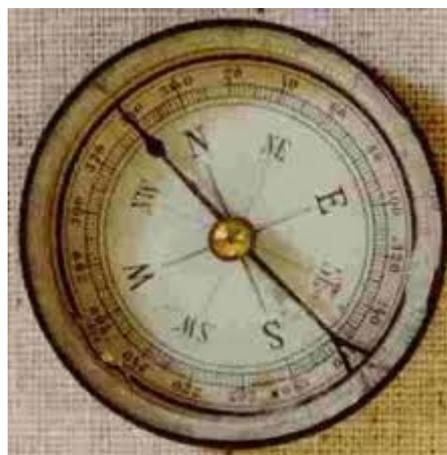
Sou convocado para uma reunião: a psicóloga que “me orienta” manda um e-mail e fala da necessidade de preparar minha introdução nas Utis/HC. Sinto cheiro de coisa da “Gloriosa”. Vou para a reunião como quem vai a um matadouro. Sei do meu valor. Não aceito ser moldado, em agradar pessoas que não respeito, profissionalmente/como seres humanos.

Venho de um lugar solar, de Assis, da **UNESP** – Universidade Estadual Paulista, que me recebeu e recebe as pessoas de braços abertos. Aqui ouvi que na Unesp só tem maconheiros...que grande coisa a Unesp...

Estão presentes na “reunião”: a psicóloga que me “orienta”, duas outras psis do HC, a minha algoz que é um caso de estudo (lembro-me de Silvio Yasui que dizia que há pessoas do mal - esta é uma delas). Apresentaram-me um “Diário de Campo” com seis itens, relatando imperfeições (na ótica paranóica da “Gloriosa”) de minha atuação como residente. O tom da reunião é de uma acareação, de uma investigação policial. Sou destrutado profissionalmente e pessoalmente... Olho para este ser e penso como deve ser ruim viver dentro desta pele. A psicóloga que me “orienta” tenta dar um ar conciliador, tenta apaziguar o clima, pois também ela fora surpreendida com a dureza que dera o tom da reunião. A sensação foi de que a minha algoz tinha prazer em constranger os outros, usar seu poder, dizer qualquer barbaridade, pois detêm uma posição de força e não é contestada. Não seria o momento para dizer tudo que sofri e estava sofrendo na “Gloriosa”? De que adiantaria? Que benefício traria? E penso na natureza: alguém já viu a água correr pra cima? Na natureza, existe um caminho ideal, o que despende menos energia. A última imprecação da minha algoz foi:

“ESTAS REUNIÕES ESTÃO MUITO CHATAS. VOCÊ FOI RUIM DESDE O COMEÇO. NUNCA PASSOU DO EMPIRISMO! VEJA SE MUDA!”

...12/12/12, lembro-me da alternativa para a liberdade. Saio da reunião e passo em casa. Pego dinheiro, vou até a lan house, imprimo o boleto e o pago. Novamente, ouço o meu desconforto e ajo. Dois dias depois, estou inscrito para a prova da residência da UFRGS. E, na segunda-feira, começo minha atuação na UTI!



Vem a prova. Vem o dia do resultado. E fico em 9°. Não sou aprovado. Sensação ruim: era a alternativa de dar uma resposta a tudo que me disseram.

Mas, nesse tempo já estava acompanhando a Sandra, paciente da UTI/A, leito 432. Ela escolheu-me para acompanhar sua morte e sua família. Ao mesmo tempo estou mobilizado com tudo que ocorre nas UTIs, estou em busca de alternativas. Inscrevo-me para a seleção da residência da Unicamp.

E nesse tempo, alguém tem olhos para meu trabalho: a enfermeira/gerente das UTIs faz elogios à minha atuação e, encontro alguém com o mesmo engajamento que o meu.

A raiva me mobiliza e coloca-me em ação. Mas, também acredito que se estou em determinado local, especialmente se estou passando por alguma dificuldade é porque existe um motivo, porque há uma aprendizagem envolvida. Logo, busco estar o mais conectado com o momento presente.

E o tempo vai passando. Dia 03/02/13, Sandra falece. Vou fazer a seleção em Campinas. Vou para a segunda fase. Ela acontecerá dia 06/03/13. Compro a passagem para Campinas dia 04/03/13... Após a saída do trabalho no hospital, acesso a net e depois disso passo na padaria e tomo uma cerveja. Vou para casa, separo o material para a entrevista. Tomo banho e como qualquer coisa. Enquanto vejo o início do Jornal Nacional, acesso meu e-mail do celular. E, SOU SURPREENDIDO. MINHA VIDA MUDOU. OCORREU UMA INFLEXÃO EM MINHA TRAJETÓRIA. OCORRE ALGO IMPENSÁVEL !

18:42:28

Após 62 dias, 18 horas, 42 minutos, 28 segundos, finalmente, meu ano começa. Sou convocado para assumir meu lugar de residente da **UFRGS!**



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

FACULDADE DE EDUCAÇÃO

Núcleo de Educação, Avaliação e Produção em Saúde - EducaSaúde

EDITAL DE 4º CHAMADA- PROCESSO SELETIVO PÚBLICO 2012

Considerando os pedidos de desligamento de BÁRBARA SANTION LAGO e DANIEL RODRIGUES FERNANDES, realizados no dia 04/03/2013, ambos candidatos aprovados no Processo Seletivo Público 2012, pelo núcleo profissional da psicologia, e regularmente matriculados no Programa de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, são chamados para proceder à matrícula, nessa 4º convocação, os candidatos subseqüentes, também do núcleo profissional da psicologia, para assumir as 02(duas) vagas disponíveis, entre os dias 5 e 6 de março de 2013:

Luiza Figueiró Petry - PSICOLOGIA

José Antonio Caruso de Lucca - PSICOLOGIA

Porto Alegre, 04 de março de 2013

Ricardo Burg Cecim

Coordenador da COREMU/UFRGS



www.voeazul.com.br

Voo: AD 4063
Portão: F1
Embarque: 06:50
Assento: 15D
Data: 06mar13
Cod. Reserva: F65821 Seq# 54
Passageiro: Jose de Luca
Partida: São Paulo - Campinas SP 07:20
Chegada: Porto Alegre RS 09:10

* AFRESENTE-SE NO PORTÃO DE EMBARQUE *
* 40 MIN. ANTES DA PARTIDA *

BILHETE Nº 0181 DO PASSAGEIRO
027346929

Sujeito as condições de Contrato

Azul Linhas Aéreas Brasileiras S.A.
Avenida Suroeste, 2010 - 2050 parte
06459-040, Arujá - Ilhé - Barueri
CNPJ 09.296.295/0001-60
Operacional Freqüência - 06mar13

Tarifa:	339,90
Taxa de embarque:	21,13
Classe J	
Total	361,03

Forma de pagamento: VISA

Tarifa válida para este voo. Crianças até 2 anos incompletos não possuem franquias de bagagem.
FRANQUIA DE BAGAGEM - 23 quilos
Cópia do contrato a disposição dos interessados mediante solicitação.

A passagem de vinda...

Carta I

O que sinto não ajo. O que ajo não penso. O que penso não sinto. Do que sei sou ignorante. Do que sinto não ignoro. Não me entendo e ajo como se me entendesse. (Lispector, 1998, p. 32).

Caro fray Mauro, escrevo para partilhar algumas de minhas visões, nestas terras tão distantes. Desde a minha última viagem, fiquei ansioso para contar das impressões de estar vivendo nesse lugar. Viajar é se colocar a prova, expandir nossos sentidos para tentar ser capaz de conseguir abarcar todas as novidades. É uma excitação acentuada dos sentidos, comparável ao uso de substâncias para ampliar a mente. Quantas coisas antes não pensadas, e principalmente de como se deu a viagem para essas paragens... Uma noite, estava com destino certo, iria viajar a Campinas, estava com passagem comprada. O objetivo era para tentar estar num lugar mais saudável. Noutra, essa passagem serve como destino intermediário, e de Campinas, viajo para Porto Alegre, pois fora convocado a assumir minha vaga na residência.

Mas, já deves estar pensando em jogar essa missiva fora, em desacreditar de minha enviada que fez chegar até ti essa correspondência. Prometo, tentarei ser objetivo... Dizia estar com viagem marcada, buscava outros ares, buscava um pouco de coerência, quando, nesses tempos que talvez seja difícil para ti acreditar, através de um aparelho, recebo uma carta das paragens onde agora estou. A informação que recebo dá-me dois dias para assumir minha nova colocação. E, aqui vim! Na chegada, existia o compromisso de colocar meu corpo a prova, em me deixar expor a novas situações, que eu mal saberia o quanto me transformariam... Mas, ia dizendo que tinha compromissos com esse novo lugar. Um deles, era a leitura de um vasto material.

Conhecer não é tão somente representar o objeto ou processar informações acerca de um mundo supostamente já constituído, mas pressupõe implicar-se com o mundo, comprometer-se com a sua produção. Nesse sentido, o conhecimento ou, mais especificamente, o trabalho da pesquisa se faz pelo engajamento daquele que conhece no mundo a ser conhecido. (Alvarez, Passos, 2012, p. 131).

E, acabo lendo um texto que faz referência a ti e, a teu sonho, de cartografar todo o mundo. Fico sabendo que, através de viajantes, mercadores e curiosos, tomas contato com lugares distantes e, com as impressões destes acerca destes lugares. Fiquei impressionado com teu método de cartografar todo o mundo e, pensei em como poderia contribuir para que ele contivesse também minhas impressões.

Cartografar é sempre compor com o território existencial, engajando-se nele. Mas sabemos que o processo de composição de um território existencial requer o cultivo ou um

processo construtivo. Tal processo coloca o cartógrafo numa posição de aprendiz, de um aprendiz-cartógrafo. Nesse processo de habitação de um território, o aprendiz-cartógrafo se lança numa dedicação aberta e atenta. (Alvarez, Passos, 2012, p. 135).

Porém, como fazer chegar até ti, minhas missivas? Estamos separados não apenas no espaço, mas principalmente no tempo... Vivemos em séculos diferentes. Cinco séculos nos separam. Levei muito tempo para arranjar uma estratégia que possibilitasse meu contato contigo. Meu erro inicial era a objetividade. A saída para que nos comunicássemos, seria escrever, e deixar que o tempo se encarregasse em fazer minhas visões chegar até ti. O importante seria escrever, encontrar uma forma de canalizar essas impressões. Devo ressaltar que, com isso, não busco notoriedade, apenas será uma aposta que num futuro próximo, a comunicação terá alcançado estágios tão evoluídos, que todos os seres humanos finalmente se entenderão, dispensando as palavras, e estas servirão para a comunicação entre pessoas separadas pelo tempo...

Espero, caro fray, que essas notas possam de alguma forma contribuir com a cartografia total do mundo que tanto almejas. Como notei em minhas leituras, tu estás sempre aberto a contribuições de cada interlocutor que chegas até ti, com notícias deste vasto mundo, como diria um poeta daqui.

Penso que gostarás da ideia, de que alguém do futuro, possa contribuir com teu mapa, que o cartografar o mundo inclua a dimensão do tempo, abrindo outra perspectiva em tua empreitada.

Caruso



Carta II

Caro fray Mauro, eu tenho pensado muito em como colocar todos meus sentimentos no papel. Será essa uma tarefa possível? Talvez devesse fazer o que minha amiga me aconselhou: para escrever é necessário, a partir de um ponto, deixar-se levar pelas palavras, pois senão o texto fica preso em nós. Mas, como fazê-lo? Contrário o conselho, e volto a reler seu manuscrito. E, me deparo com um trecho em que falas dessa sensação transmitida por outro navegador.

Hábía descubierto, com decepción, que era imposible explicar lo que sentia. Sólo entonces empecé a comprender por qué había viajeros como él que se pasaban la vida yendo de un sitio a otro, siempre buscando, con la esperanza de descubrir al fin lo que no habían logrado descubrir otros antes. (Cowan, 1999, p. 15).

Então, sinto-me como pertencente a esse grupo, que busca experiências novas em lugares distantes, sem nem saber bem o porquê, e quando volta, não consegue relatar, objetivamente, o que viu. A saída então, talvez seja adotar algum outro método de pesquisa.

A pesquisa cartográfica é menos a descrição de estados de coisas do que o acompanhamento de processos. A instalação da pesquisa cartográfica sempre pressupõe a habitação de um território, o que exige um processo de aprendizado do próprio cartógrafo. Tal aprendizado não será aqui pensado como uma série de etapas de um desenvolvimento, mas como um trabalho de cultivo e refinamento. Aprendizado no duplo sentido de processo e de transformação qualitativa nesse processo. Movimento em transformação. Tal aprendizado não pode ser enquadrado numa técnica e em um conjunto de procedimentos a seguir, mas deve ser construído no próprio processo de pesquisa. (Alvarez, Passos, 2012, p. 135).

Dizes que, nenhuma história de marinheiro é demasiado trivial que não mereça escutá-la, nenhum diário de viajante, demasiado comum para que não mereça a pena lê-lo. Penso enquanto escrevo, estar diante de ti:

Estamos sentados en taburetes uno frente a outro, mientras la brisa del Adriático nos refresca la cara los días calurosos de verano. Miramos mapas que cada uno de nosotros traza em el corazón del otro. Cartógrafo y aventurero discuten sobre las distancias y las rutas mientras reconocen silenciosamente que se trata sólo de diversiones, ya que luchamos por dar sentido a um conocimiento disparatado. Somos como remo y tolete, intentando extraer uno del otro el apalancamiento necesario, aunque reconozcamos que probabelmente estemos viajando hacia el mismo destino. (Cowan, 1999, p. 10).

Não busco ser lógico, objetivo, científico. A minha narrativa falará dos lugares que percorri nesses últimos anos. Li que és atraído sobretudo por El Nuevo Mundo das Américas! É por esta parte do mundo que conto minha história. Tentarei tornar visível o que se encontra escondido, e de novo percebo que outros viajantes tiveram essa ideia.

Cómo va mi mundo? Desplegado y ondulante yace sobre la mesa, um grande orbe de território incontrolable. Zonas de espacio puro para que se extienden hasta lós más remotos confines de mucho más que continentes y países. Es um reino que solo conocen lós que tienen ojos para ver ló que es invisible, o lós que están dispuestos a elevarse por encima de la luz del entendimiento. (Cowan,1999, p. 52).

Creio que, consigo agora ver como tentarei transmitir-te minhas impressões. Em breve, ou não, outra carta. Que tenhas boas novas, e que tu consigas alcançar logo teu intento de cartografar o mundo. Ou melhor: **nosso objetivo!**

Caruso



Carta III

Caro Mauro, tu falas que por não ter coragem para viajar, fazes isso através dos viajantes, deixa que vivam por ti, descobrindo gentes e reinos com que tu só podes sonhar. Como disse na última carta, pensei numa estratégia para que a leitura destas cartas, não te soe enfadonha, cansativa. Imagino quantas missivas e viajantes chegam até ti, e descrevem terras, gentes, reinos que podem tornar-se lugares já conhecidos, zonas já cartografadas em teu mapa. Vou falar de algumas cidades em que estive e de suas gentes. Hábitos, formas de pensar, jeitos de viver a vida e de olhar o mundo. Digo-te que, se não forem originais, terão certamente particularidades destas paragens.

Cidades que eu tentarei dar visibilidade através do meu relato. Claro, que com minha presença alterarei essas próprias cidades. Porém, não vejo isso como algo ruim. Tentar entender como as pessoas vivem e pensam num determinado lugar e, interagir com elas, falar de como vejo o mundo, e nessa interação contribuir, se isso for percebido como interessante, é o que me proponho.

A cidade de quem passa sem entrar é uma; é outra para quem é aprisionado e não sai mais dali; uma é a cidade à qual se chega pela primeira vez, outra é a que se abandona para nunca mais retornar, cada uma merece um nome diferente; talvez eu já tenha falado de Irene sob outros nomes; talvez eu só tenha falado de Irene. (Calvino, 1972, p. 52).

Como vês, por não ter confiança em minhas palavras, busco adornar meu texto com palavras de escritores famosos, este último, Italo Calvino, viveu próximo de ti, na geografia, porém separado também como eu de ti pelo tempo... Mas, por que não adorná-lo, se os próprios cartógrafos usam desse artifício adornando seus mapas com sereias, querubins, monstros marinhos?

Hace ya mucho que aprendi a no reprimir mi inclinación a adornar la realidad. Um nudo celta sería algo insulso si no estuviese inspirado por una visión, que se materializa gracias a la paciencia y el esmero de un artesano. Los cartógrafos adornamos el mundo, y yo no soy una excepción. Mis mapas están hechos para transmitir una ilusión, de eso no hay duda. (Cowan, 1999, p. 17).

Sinto-me como teu irmão, como dizes num trecho de teu manuscrito. Compartilhar contigo de meus pensamentos, sentimentos, possibilitam ressignificar o vivido, tentar tornar eterno o efêmero. Até mais,

Caruso

Carta IV

Caro amigo, espero que esta carta te encontre bem. Aqui, eu confesso que estou um pouco angustiado. Difícil é essa tarefa de abrir o coração, quando há muito isso não é feito, quando nem mais nos lembramos do que esquecemos...

Mas, estava eu a pensar sobre como traduzi-lo, como descrever determinados estados de ânimo, e, sem que me desse conta racionalmente do porquê, lembrei-me da China. Tive lembranças da China. Mas, a China não é um lugar. "**Lembranças da China**". Por quê, meu Deus, saí travado dessa peça de teatro? Por que ainda seus ecos são sentidos hoje, 28 anos depois de tê-la visto, uma única vez? Será porque traduzia angústias futuras minhas? Ou seria por causa da beleza e talento da atriz? Será porque ela lembrava alguém que eu viria a conhecer anos depois?

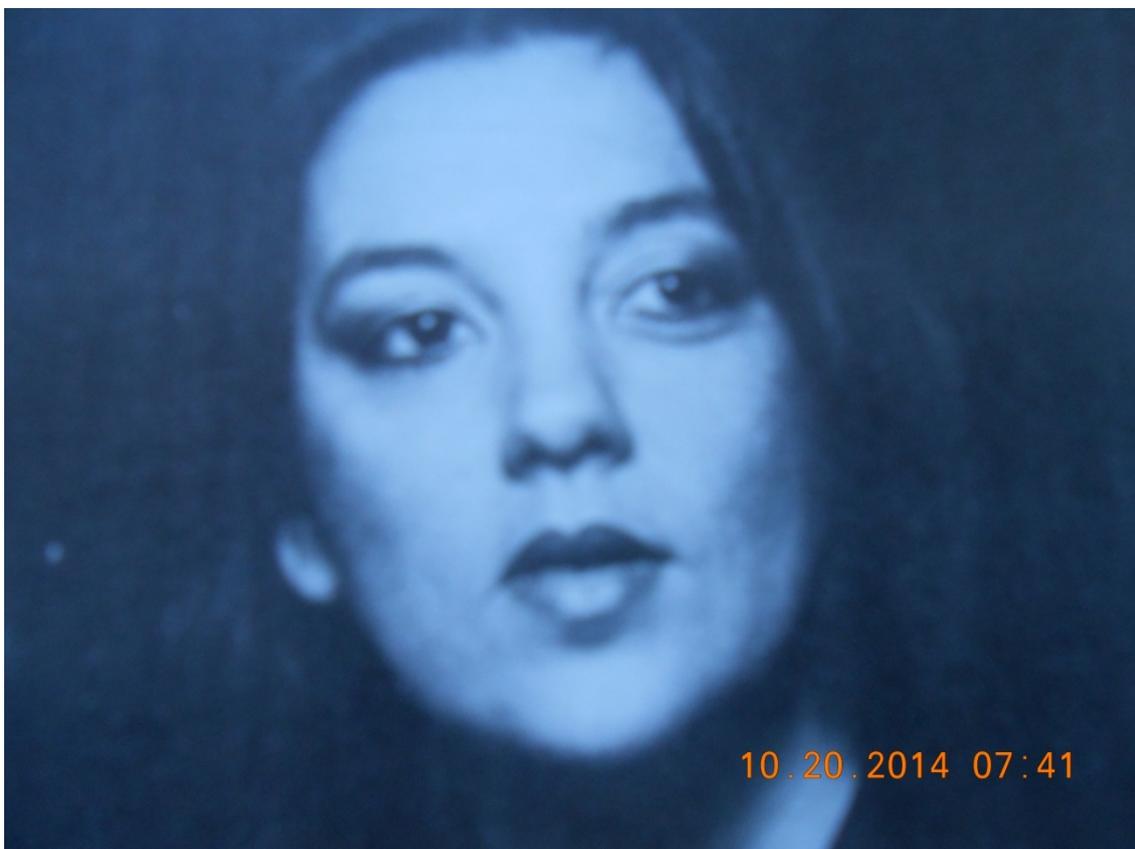
Esqueci-lhe de dizer, estou me recuperando de uma cirurgia, que me obrigou a ficar recluso. E, talvez por isso mais introspectivo, reflexivo. E, valendo-me de um recurso tecnológico, consigo o texto da peça. Acabo de lê-lo. Seus efeitos ainda reverberam em mim, como se um velho sino, após ser tocado, vibrasse, e seu som pudesse ser ouvido à distância... É esse som que espero que essa carta consiga chegar até aí, em Veneza, amigo. Descubro o quando a peça falava de mim! De como, acabaria como um dos personagens, abatido, na China. Sozinho. Ah, te envio uma foto da atriz que interpreta a Laura. Denise Del Vecchio. Linda e talentosa. Interpretação apaixonada. Era por ela que procurava. E para minha sorte/azar, encontrei... Parece haver algo de familiar nela, da pessoa que se materializou muitos anos depois, em minha existência...

Eu amei loucamente uma pessoa e queria ir com ela para a China. Daí, descobri que ela não me amava e que a China era apenas um país. (Nogueira, 1985).

Eu amei loucamente uma pessoa. Quis ir com ela para a China. E aí, me vi naquele palco, caído no chão. Sozinho. E descobri que a China é apenas um país.

Luz cai total. Ouve-se apenas um tiro. Luz sob um pouco, muito pouco. Na penumbra vê-se um corpo caído, à beira do buraco... E a outra pessoa em pé, com a pistola voltada para cima... Um foi traído... Não se sabe quem... As sirenes vão aumentando, aumentando, aumentando, até se tornarem insuportáveis... Blackout total. Fim. (Nogueira, 1985).

Penso Mauro porque te contei essa história, tão pessoal. Terá sido porque te sinto próximo a mim? Creio que eu tenha atingido o tom ideal para as cartas que narrarão minhas impressões desses últimos anos.



Estou dispuesto. Tengo afiladas las plumillas y tengo a mano todo el pergamino que necesito. Las tintas están cuidadosamente mezcladas. He rezado también a Nuestro Señor, pidiéndole que me guíe em todas mis deliberaciones. Esta version final de mi mapa, hecha a base de esbozos anteriores, debe afirmar la existência del mundo que he descubierto com todo el rigor de que sea capaz. Trazo uma vez más primero lós márgenes, com sus vientos com cara de querubines, sus arabescos y sus pequeños camafeos tribales. Hay otros adornos, sirenas y dragones, junto com uma variedad de animales extraños. Mi nombre ló añadido a uma declaración de mi propósito como cartógrafo, mientras a ló largo del encabezamiento de la página escribo um título adecuado: *Orbis Terrae Compendiosa Descriptio*. Bueno, he declarado mi intención. Está a punto de materializarse mi mundo. (Cowan, 1999, p. 70).

Portanto amigo, embalado pelo teu texto, passo a relatar minhas impressões.

Caruso

Carta V - Glória



Quanto mais tentamos nos aproximar de Glória mais nos afastamos. Quanto mais tentamos nos aproximar de Glória mais nos perdemos. Cidade esfinge esconde-se dos mapas, impossível chegar até ela objetivamente. É necessário, perder-se diversas vezes para conseguir encontrá-la. Esconde-se das pessoas com seus acessos tortuosos que desafiam a quem tenta acessá-la. Quando pensamos que finalmente conseguimos conhecer seus caminhos, voltamos a nos perder, por lugares nunca antes percorridos. A cidade é cercada de altos muros, tendo guardas em seu redor. Sua população é bem singular: adolescentes constituem a grande maioria. E mais particular ainda; eles não escolheram estar ali, foram trazidos à força. O intuito da chegada deles têm por objetivo puní-los e reeducá-los. Habitantes do entorno de Glória excluem-nos devido seu comportamento. Para cuidar deles, dois grupos. Um que fica a maior parte do tempo de um lado de um portão interno; outro, fica do outro lado. O primeiro grupo (os agentes) tem por objetivo guardá-los, o segundo (os técnicos) torná-los capazes de ser aceitos por quem os expurgou. Mas, fico pensando afinal a partir de que bases podemos contribuir no processo de mudança de alguém? Principalmente porque esses adolescentes sofrem por não ter suas garantias constitucionais atendidas. O que é percebido neles são suas faltas, mas as da sociedade não.

Minha missão na cidade era pensar formas alternativas de organizar o processo de trabalho baseado em fatos decorrentes dos modos de

tratar/cuidar/educar/disciplinar. Para lá ia acompanhado por outras pessoas de uma célula terrorista como carinhosamente gostava de chamar nosso grupo. Pensar nesse grupo como um disparador que contribuía mesmo que indiretamente no cuidado desses adolescentes sempre me desafiava. Aqui, nessa época esse dispositivo é conhecido como **Educação Permanente em Saúde (EPS)**. Ela é uma forma de educação continuada no trabalho, onde aprender e trabalhar se incorporam ao cotidiano das organizações e ao trabalho. Nossa meta era a partir da constituição de um grupo com componentes de mais de um estrato da cidade, conhecer modos de perceber a realidade, de trabalhar, de subjetivar, de como percebiam suas ações individuais e coletivas como potencializadores do processo de cuidado dos adolescentes.

Percebo que ainda não te esclareci que essas cartas tem outro destinatário além de ti. Além de buscar ser ouvido por um companheiro de viagens, de contribuir para a construção total do teu mapa, que elas principalmente fazem parte de um processo de conclusão de jornada, que busca com sua escrita possibilitar que, outros viajantes que se propuserem a essa viagem, possam saber de minhas experiências. Faço parte de uma **Residência Integrada Multiprofissional em Saúde Mental Coletiva (RIMSC)**. Ela foi pensada como uma modalidade de educação profissional de caráter multiprofissional e interdisciplinar, tendo como meta a superação da segmentação do conhecimento e do cuidado/atenção em saúde. Essa modalidade de formação profissional oferece titulação em pós-graduação *lato sensu*, utilizando-se como metodologia de ensino-aprendizagem e a formação em serviço (pelo trabalho) mediante acompanhamento e supervisão (trabalho educativo). Assim, meu trabalho em Glória tinha esses vetores de orientação e muitas incertezas, já que o desafio para mim era o de experimentar no corpo as angústias de algo novo, de tentar contribuir com minha participação em algo que pudesse ser um acréscimo no cuidado dos adolescentes.

As reuniões e a proposta

Logo no início de nossas reuniões, um dos participantes do grupo falando a respeito dos adolescentes profere: - Nós sabemos o que é melhor para eles! Era a voz de um representante significativo dos agentes. Senti que teríamos muito trabalho! É lançada a proposta da escrita de uma carta contendo uma ação desenvolvida pelos participantes e que seja entendida por eles como sendo uma ação em saúde. Então, um dos participantes, que faz parte do grupo e que retém os adolescentes, mostra que é possível desempenhar uma ação de saúde mesmo em condições de privação da liberdade. Fala da montagem coletiva, entre os estratos da cidade, de uma forma alternativa de cuidado para um adolescente que não consegue reter gases... Na sua escrita, relata que um determinado adolescente não consegue reter seus gases fétidos, como ele assim escreveu. Essa sua singularidade impossível de ser ignorada,

mobilizou toda a cidade! Desse modo, os dois grupos, o que priva da liberdade e o que trata, pensaram em uma solução conjunta e, propõem que a alternativa para a cidade seria que ele pudesse ir ao banheiro quando tivesse necessidade, e não em horários pré-determinados. Essa solução foi acordada com o grupo majoritário, devido às características de disciplina da cidade. É claro que os adolescentes concordaram com esse arranjo, pois os ares da cidade ficariam mais agradáveis com essa ação. Porém, ele admira-se com nosso olhar a respeito da solução encontrada para aquele problema. Diz nunca ter pensado nela como uma ação em saúde. Impossível não pensar em Marx e em alienação do trabalho. Alguém que realiza um trabalho mecânico, que não reflete sobre seu processo de trabalho é um trabalhador alienado. Alienado de orgulhar-se por algo que fez, em ver a si mesmo como contribuindo para o cuidado e a saída desse adolescente da cidade.

Nossas reuniões seguem e o que começa a aparecer é que existe um desconforto com o método que adotamos para executar a tarefa que nos foi demandada. O pedido inicial era de que nosso grupo objetivamente indicasse como cuidar de adolescentes com problemas psíquicos graves, num tom professoral, onde existe alguém que detém o conhecimento e outro que não pode contribuir de nenhuma forma com o entendimento sobre determinado conteúdo. Esse olhar partia do grupo dos agentes. Para eles o fundamental seriam conteúdos essencialmente práticos, capazes de contribuir para o trabalho deles. Não podíamos atender essa demanda. O escopo de nosso grupo era a Saúde Mental Coletiva entendida como:

Processo construtor de sujeitos sociais, desencadeador de transformações nos modos de pensar, sentir e fazer política, ciência e gestão no cotidiano das estruturas de mediação da sociedade, extinguindo as segregações e substituindo certas práticas por outras capazes de contribuir para a criação de projetos de vida. (Fagundes, 1992, p. 54)

Esse descontentamento de alguns participantes com nossa abordagem e posteriormente, com o fato de termos abordado temas tabu como sexualidade provocaram tensionamentos entre os dois estratos da cidade. Desta forma, num outro encontro, como forma de calar essas tensões, os técnicos, encarregados de cuidar dos adolescentes propõem que executássemos uma atividade prática com os adolescentes onde pudéssemos colocar em ação o que estávamos discutindo. Essa proposta não passou pelos agentes e provocou cisões nos participantes da educação permanente. Partimos então para a construção das gincanas.

EQUAÇÃO PARA UM CASO DE SAÚDE

Olivia Luiz da Rosa
agente socioeducativa - CASENH

Ingressou no CASENH, um adolescente que não conseguia controlar a saída dos gases fétidos, fruto do seu organismo, talvez, em decorrência de uma anomalia em seu esfíncter anal.

Em face disto, no momento em que sentia a necessidade de expelir estes gases fétidos (na linguagem chula: "peidões") largava estes gases como estivesse, em qualquer momento, no dormitório, na fila para ir à escola, em sala de aula, ou, o que é pior, em formação antes das refeições, ou até, durante as refeições. Isto criava uma série de conflitos no setor, entre os adolescentes do setor, pois todos nós sabemos da extrema falta de educação, falta de consideração, largar estes gases fétidos, principalmente à mesa, durante as refeições, principalmente porque os gases deste adolescente perdurava no setor, no ambiente, criando um clima de tensão, de inimizade contra o adolescente, pois os jovens não entendiam a situação do jovem "peidões".

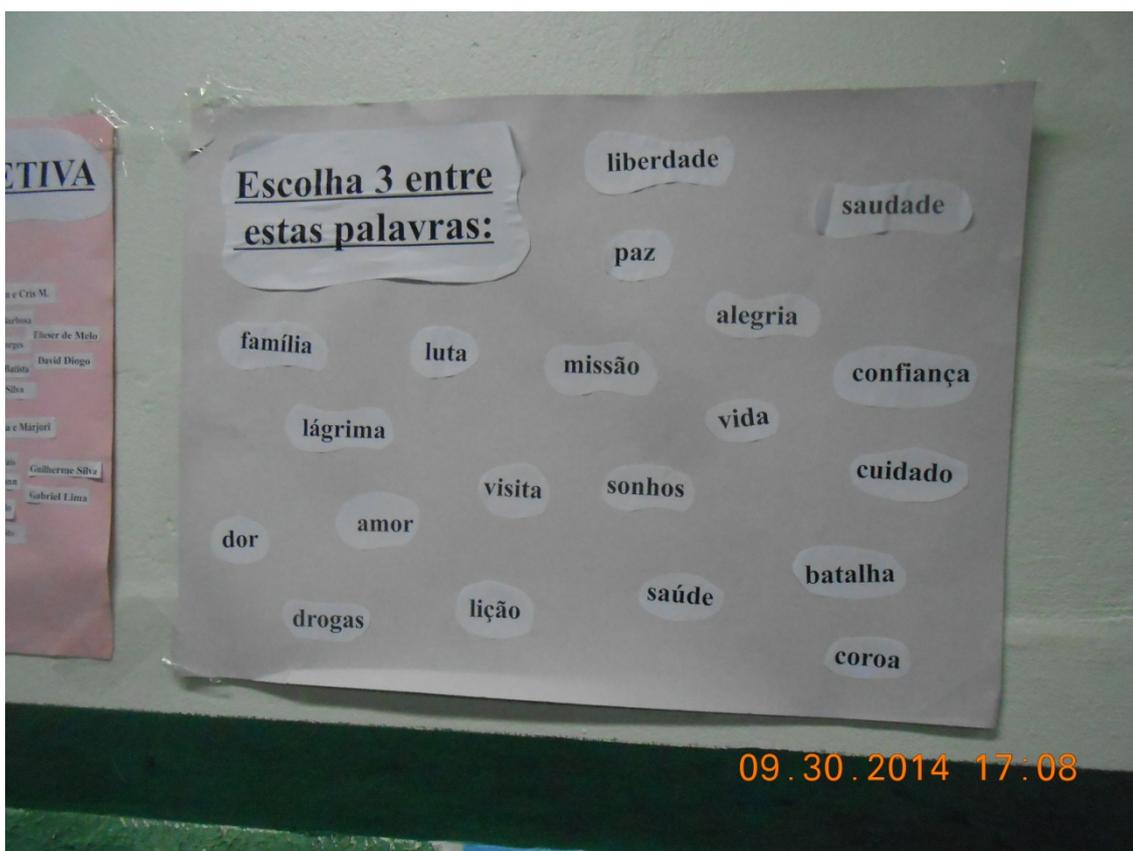
Em uma tentativa de manter o jovem flutuante perto dos seus iguais e não longe de todos e de todos, no sentido de equacionar a questão, já que não se podia resolver a situação corporal do jovem "peidões", os monitores da época, inclusive com a atuação da equipe técnica atenderam o adolescente em separado dos demais e orientaram que sempre que sentisse necessidade de "largar" os gases que pedisse para ir ao dormitório, ao WC, na escola que excepcionalmente neste caso seria autorizados que fosse mais vezes.

Enquanto isto, o grande grupo daquele setor, demais funcionários e equipe da escola também foram orientados sobre a anomalia e da forma de proceder para a situação. Então, o adolescente poderia excepcionalmente sair da formação, sala de aula, mesa de refeições, para ir ao dormitório ou WC para "largar" seus gases que todos compreendem aquele procedimento, não (q) criando discussões para os demais.

Este proceder, foi muito bem aceito pelos jovens, entenderam que era um problema de saúde do "peidões", fazendo uma compreensão de todos os lados, que conseguiram conviver como tal "peidões" até seu desligamento da unidade, término de sua medida socioeducativa (que ainda bem não foi por muito tempo) estive.

A Carta

As gincanas



Agora nosso trabalho era o de problematizar as atividades propostas de modo que possibilitasse reflexão, educação, recreação. O desejo era possibilitar uma rachadura no fazer para que se pudesse falar do que não se fala junto aos adolescentes. Enfim tê-los como agentes de seu processo de cuidado, tomá-los como seres potentes que são capazes de propor novas normas para suas vidas. Porém, para isso tivemos de problematizar quais atividades seriam propostas, de que forma seriam executadas e, que produção de sentido teriam para os adolescentes. E principalmente, de como encararíamos o conhecimento dos adolescentes e, de quanto eles seriam capazes de interagir com nossas propostas. Alguns dos participantes de grupo de Educação Permanente referiam-se à baixa capacidade dos adolescentes de se envolver em qualquer atividade, que era necessário um conteúdo bem superficial, já que tinham baixo conhecimento formal. O medo agora não era do que o jovem poderia fazer algo de violento, mas daquilo que ele não sabia, e que poderia frustrá-lo demais. “Não podemos pedir deles mais do que eles podem dar”. “Do ponto de vista pedagógico isso não é interessante”. Elencamos alguns temas, que pactuamos junto com os trabalhadores, que seriam capazes de produzir saúde, mediante conteúdo lúdico, que problematizasse sobre sexualidade/drogas/adolescência. Colocávamos em questão a aposta nos adolescentes, e de que fosse respeitada as suas

capacidades de fazer perguntas sobre temas controversos como sexualidade de modo respeitoso e contextualizado. Os cidadãos responsáveis pela guarda e pelo preparo contrapunham a proposta com receio: medo dos conteúdos que poderiam resultar nessa liberdade de expressão. Essa preocupação era principalmente externada pelas mulheres que tinham receio do que poderiam ouvir. Fomos para nossa primeira experiência e nessa atividade de perguntas um dos adolescentes disparou:

- Por que álcool é droga se é vendida no mercado?

Alta provocação. Não para quem propôs a atividade, mas para a sociedade que o excluiu. Com essa primeira experiência nosso grupo obteve os primeiros dados práticos para contestar falas totalizantes sobre os adolescentes. Na avaliação de nossa ação, membros do grupo refletem e dizem-se surpresos positivamente com o acontecido. Assim, com dados concretos, a partir de uma ação pensada pelo grupo conseguimos problematizar pensamentos/certezas a respeito dos adolescentes. A cada nova atividade tentávamos alterações capazes de produzir maior cuidado. Uma das atividades da gincana era a de compor/cantar uma música. Inicialmente a proposta era mais fechada, pois o pedido era de que na letra estivesse um grupo de palavras que restringiam o discurso dos adolescentes. Posteriormente, com a proposta de mudança e ampliação do grupo dessas palavras houve uma mudança considerável no discurso refletido nas letras das músicas, possibilitando reflexão sobre o momento que o adolescente vivia em Glória.

Porém, caro amigo, não quero que tenhas a impressão que nosso grupo e nossas ações foram movidas positivamente pelo grupo da residência e, negativamente pelo grupo da cidade. Se passei essa impressão é fruto de meu texto. Os moradores de Glória que participaram da construção das gincanas foram bastante carinhosos, e com muita coragem de se expor, e se deixar conhecer.

Conclusões

Espero ter conseguido refletir sobre tudo que aconteceu em Glória e como me afetou. Mas, no que eu estava pensando quando achei que esse relato poderia contribuir na tua tarefa de cartografar o mundo? E o que poderia deixar como testemunho dessa minha passagem na residência, nessa cidade? Penso que devas incluir em alguma parte de teu mapa a importância que a EDUCAÇÃO PERMANENTE pode refletir sobre como o mundo se organiza.

Condição indispensável para uma pessoa ou uma organização decidir mudar ou incorporar novos elementos a sua prática e a seus conceitos é a detecção e contato com os desconfortos experimentados no cotidiano do trabalho, a percepção de que a maneira vigente de fazer ou de pensar é insuficiente ou insatisfatória para dar conta dos desafios do trabalho. Esse

desconforto ou percepção de abertura (incerteza) tem de ser intensamente admitido, vivido, percebido. Não se contata o desconforto mediante aproximações discursivas externas. A vivência e/ou reflexão sobre as práticas vividas é que podem produzir o desconforto e, depois, a disposição para produzir alternativas de práticas e de conceitos, para enfrentar o desafio de produzir transformações. (Ceccim, 2005, p. 165).

Acabo essa carta pensando que agora, depois de ter vivenciado a experiência de ter feito parte do grupo que esteve em Glória, propondo a reflexão do processo de trabalho através de casos reais, e de que foi por meio da residência que me possibilitou o acesso a essa experiência, sinto-me modificado, como proponho que teu mapa seja modificado com o compartilhamento desta vivência.

Carta V e ½ - Ainda Glória

Caro Fray Mauro, está é um *post scriptum relativa* à carta passada. Não te disse ainda, mas a pessoa que está encarregada por mim de te entregar essas cartas é também a primeira leitora delas. E como boa amiga e orientadora, procura que as palavras que cheguem até ti reflitam com exatidão meus pensamentos. Já me adianto: ela não lê minha mente (embora ela exerça uma profissão – Psicologia - que no imaginário das pessoas isso seja possível). Muitas de minhas experiências ela ou esteve presente, ou ouviu com muito interesse. Assim, atendendo a um pedido dela e como devo ao final de cada uma das atividades da residência escrever uma narrativa dando um fechamento da atuação e uma avaliação do vivido, escrevo esse adendo sobre Glória (Case/NH).

Para os leitores da residência que chegam agora e, não estão entendendo nada, aqui vai uma explicação. Essa carta faz parte de meu TCR. Nele estou escrevendo a um fray (Mauro) personagem do livro “**El sueño de un cartógrafo**” de James Cowan. Ele refere-se a si mesmo, como alguém com ossos frágeis, querendo dizer que é medroso. Tem por objetivo cartografar o mundo. Para isso recebe viajantes em sua cela e já que não tem coragem para ele mesmo fazer essas viagens, as faz por intermédio de seus interlocutores. A “viagem” é que ele no livro vive no século XVI, e eu escrevo para ele do século XXI... Desse modo os possíveis leitores deverão ter isso em mente ao ler minhas cartas. Exigirá uma capacidade de abstração e principalmente, uma grande dose de paciência com minhas elocubrações mentais... Espero que o texto final esteja à altura do esperado para um trabalho de conclusão dessa residência.

Em meu texto cada campo é apresentado como uma cidade, não uma real, mas metafórica. Aí usarei outro livro como suporte: “**As Cidades Invisíveis**” de Italo Calvino. Aproveitando as cidades do livro de Calvino, roubo três delas para representar três campos. Não encontrei equivalente ao Case/NH, desse

modo criei Glória, cidade que não se deixa encontrar facilmente. Mas o texto diz muito de como senti a experiência de estar numa instituição total, e mais ainda, ter sempre de viajar até lá. A unidade está situada num local de difícil acesso, seja pela distância, seja pela localização geográfica dela.

Volto agora ao texto da carta. Volto à experiência de refletir sobre meu processo de trabalho/aprendizagem. Penso que em primeiro lugar devo falar de como foi positivo a experiência de ter partilhado a vivência de Educação Permanente num grupo muito acolhedor tanto o da residência como o da unidade. No início, eu que tinha muitas dificuldades em crer que fosse possível que essa estratégia de educação, que ocorre através da análise de questões reais do mundo do trabalho desse resultado; ao final do ano, chego a conclusão que isso é possível. Porém, vejo que isso só poderia ocorrer se a maior parte do grupo estivesse aberto à análise de sua prática profissional, coisa que ocorreu. Por isso minha felicidade de ter vivido essa experiência na residência.

Pensando no que conquistamos (falo do grupo todo que participou da EP) vejo que possibilitamos aos técnicos/agentes vivenciar estar realizando atividades com os adolescentes a partir de outro local que não o instituído na unidade. E mais que isso, transitar por todos os setores da unidade, e estabelecer vínculos com os adolescentes não por meio da profissão para qual foram contratados para atuar na unidade, mas por exemplo, participando do ensaio de uma música que seria apresentada durante a gincana. Esse deslocamento propiciou que o trabalhador experimentasse novas formas de cuidar, educar, tratar, estabelecer relações afetivas. Pensando nos adolescentes creio termos possibilitado a eles que pudessem ir além do discurso esperado para um adolescente que cumpre medida socioeducativa em meio fechado, que deve demonstrar através de atos e palavras estar modificado, pronto a ser aceito novamente na sociedade. Isso ocorreu também (dizerem o que o estabelecimento quer ouvir), mas percebemos que fomos além disso, mesmo que em poucos momentos.

Claro que o grupo da residência que coordenou essa ação de EP dentro do Case/NH gostaria de ter conseguido alcançar objetivos maiores. Foi o que deu. Sempre será o que deu, como disse Luciano numa orientação coletiva de TCR. Muitas discussões não foram possíveis ir adiante, como a distribuição de camisinhas, como a possibilidade dos adolescentes receberem visita íntima e, principalmente, falar do ISOLAMENTO! Tarefa para a próxima turma de residentes já que o Case/NH continuará como campo da residência. Fico feliz de ter participado e podido problematizar o quanto seria importante a continuidade do campo para o cuidado dos adolescentes e dos trabalhadores da unidade.



Corpos sem Cabeças

Ao final, aproveito a orientação participativa da Júlia que me instiga a usar uma frase do TCR relativo ao Caps/Ad. Assim, citando a mim mesmo:

Nosso inimigo não é o pensamento contrário, mas sim a falta de cuidado.

Penso ser um bom mote para encerrar a narrativa. O que devemos ter presente não é nos contrapormos de forma agressiva a quem adota uma ação oposta a nossa. Devemos ser cuidadosos em nossas críticas, pois não conhecemos a realidade total da instituição. Não sabemos sobre os jogos de poder na instituição. Uma crítica apressada pode impedir que consigamos atingir objetivos que, se não formos tão rápidos em nossas análises, atingiremos.

E, para finalizar uso o poder de síntese de uma música dos adolescentes que diz de meu processo de aprendizagem:

Confiança nessa vida é o que precisa ter

Mais tu tem que tá ligado pra não se arrepender

A vida é muito "loka", parece um treinamento

Tu acha que sabe tudo, mas tá sempre aprendendo

Carta VI - Melânia

Ao ler ***Cidades Invisíveis*** sobre a cidade de Melânia logo associei ao Caps/Ad. Parecia que Marco Polo estivera por Novo Hamburgo e conheceria aquele dispositivo de saúde.

Em Melânia, todas as vezes que se vai à praça, encontra-se um pedaço de diálogo: o soldado jactancioso e o parasita, ao saírem por uma porta, encontram o jovem esbanjador e a meretriz; ou, então, o pai avarento, da soleira, dá as últimas recomendações à filha amorosa e é interrompido pelo servo idiota que vai entregar um bilhete à alcoviteira. Anos depois, retorna-se a Melânia e reencontra-se a continuação do mesmo diálogo; neste ínterim, morreram o parasita, a alcoviteira, o pai avarento; mas o soldado jactancioso, a filha amorosa e o servo idiota assumiram os seus lugares... A população de Melânia se rende: os dialogadores morrem um após o outro, entretanto nascem aqueles que assumirão os seus lugares no diálogo, uns num papel, uns em outro! (Calvino, 1972, p. 34).

Quando ouvi falar desse lugar, faziam referência que, não importava quem estivesse lá, mudavam as pessoas, mas as práticas continuavam as mesmas e, se concluíam que deveria haver alguma coisa com as paredes desse lugar... Vivi muitas experiências lá. Conheci pessoas, algumas das quais parecia tê-las conhecido sempre. Outras, convivi com curiosidade. Como é viver tendo tantas certezas? E, penso que foi nelas que identifiquei os moradores de Melânia. Sempre haverá gentes dessa cidade. Assim, é necessário buscar entendê-las, tentar sentir o que elas sentem, estar ao seu lado e, a partir da ação, contrapor esse olhar. Não para provar algo, apenas porque é meu modo de encarar a vida. Tentar produzir discussão através da prática, tentar causar algum grau de incerteza para que o próprio sujeito reflita sem se sentir acusado. Talvez, nada disso faça diferença. Daqui a cem anos todos estaremos mortos. Sejamos mais modestos, mais generosos, humildes. Busquemos aliados. Escolhamos um lado da trincheira. Mas, tenhamos presente que, *nosso inimigo não é o pensamento contrário, mas sim a falta de cuidado.*

A forma como está constituída a formação dos profissionais de saúde é bastante fragmentada, a compartimentalização dos campos profissionais acaba promovendo a divisão social do trabalho e dificultando assim ao trabalhador de saúde em compreender seu papel de protagonista na relação entre os serviços, seu processo de trabalho e as reais necessidades de saúde da população. É bastante comum que um trabalhador da saúde tenha algum familiar com problemas com uso problemático de substâncias, quer elas sejam legais ou não. Logo, muitas vezes o que espera esse profissional recém chegado ao serviço é o confronto com conteúdos pessoais, que nem sempre é percebido conscientemente. Esta talvez seja uma pista para a permanência dos hábitos na cidade. Rosana Onocko Campos lança luz acerca disso:

Assumir que as pessoas, os pacientes e os trabalhadores de saúde também atuam movidos por reações inconscientes, que eles mesmos desconhecem e sobre as quais não têm de todo o controle, muda nossa forma de abordar as equipes de saúde e as relações que aí se desenvolvem. O reconhecimento da dimensão inconsciente altera nossas análises. Para a psicanálise, estamos sempre desconhecendo uma parte de nós mesmos. Nosso inconsciente irrompe quando menos esperamos no meio de nossa ação mais racional. Não se trata, portanto, de uma polaridade consciente/inconsciente que corresponderia com outra racional/irracional, senão de que assumamos o ser humano como um ser que nunca será absolutamente dono de si, um ser “barrado” que não pode tudo, e que nunca terá a certeza de conhecer perfeitamente o rumo de seu desejo. Essa característica de nossa condição de humanos também nos marca em nossa condição de trabalhadores, sendo central no caso dos trabalhadores de saúde. (Onocko-Campos, 2012, p.230)

Esse foi um de meus objetivos em Melânia, problematizar essas questões, já que a residência possibilita com a inserção em um determinado campo, durante dois dias, partilharmos o cuidado das pessoas que acorrem ao serviço. Segundo Merhy (2004, p.3) os Caps são “locais de manifestações de grandes conflitos e desafios” por localizarem-se como ele denomina no “olho do furação”. Portanto, devem e podem usufruir das incertezas e experiências como um elemento positivo e como um sinalizador contra os que possam imaginar que esse lugar já é um local de certezas. Assim chego à cidade e procuro conhecer os hábitos, idiossincrasias, formas de ver a vida, formas de encarar pessoas que se colocam em risco pelo uso abusivo de substâncias psicoativas, quer legais ou não.

Melânia e seus moradores

E quem são esses moradores desta urbe? Vejo caro amigo, dois grupos. Um que pretende “cuidar” e outro a ser “cuidado”. Um que adota teorias de análise que fragmentam a pessoa, que veem o sujeito, por exemplo, através de sua adição. Outro que vai até lá para ser cuidado, mas que não se implica nisso, adota uma postura passiva e diz o que se espera ouvir, faz o que se espera que faça. A alguém desavisado, poderia parecer falta de capacidade de reflexão, comprometimento neurológico, deficiência nutricional em fases fundamentais na infância. Mas, é apenas adoção de um discurso esperado, quase uma nova adição. Pois suas opções quase nunca são ouvidas realmente. E para facilitar reproduzem discursos sobre si, de outros lugares que já estiveram (Alcoólicos Anônimos, Comunidade Terapêutica, discursos religiosos, discurso da dependência unicamente no viés da doença, da falta de caráter...).

Conversa com um habitante

Averaldo chegou como quem vem fazer uma exploração. Chegou-se quieto, querendo saber o que se fazia ali. Dizia não ter problemas... Viera apenas por curiosidade. Adotou essa postura o tempo todo da conversa. Em determinado ponto, tentando me avaliar:

- Isso que tu faz não é trabalho!

Ele era um jovem com cerca de 20 anos, branco, bem afeiçoado e que não deixava que suas angústias aparecessem. Tivera uma vida de exclusão. Uma mãe morta muito cedo, um pai ausente. Relações familiares frouxas, nada que fosse destoante dos moradores da cidade. Porém, ao mesmo tempo que buscava afastar quem se aproximasse, fazia também um teste de realidade, precisava saber se não seria rejeitado novamente. Logo, rejeitava primeiro.

Encontro com ele em outra ocasião. Ele chega de dedo em risque e dispara:

- Tu tinhas falado que em Melânia tinha muita coisa a se fazer! Fui lá e era tudo mentira!

Averaldo morava na cidade há pouco tempo e não conhecia suas peculiaridades. Pergunto se não quer vir comigo até lá e, ver se o que eu disse era mentira. Acaba me acompanhando. Ele de novo, fala de meu não trabalho. Convido-o a ficar durante todo o dia para que pudéssemos conversar com mais calma. Mais tarde falaríamos novamente. Isso acontece. Chove copiosamente. Estamos sozinhos. Ele, estimulado por mim, a falar de seus desejos, do que gostava de fazer, começa a falar de dança. Diz já ter feito parte de um grupo de dança e, ter feito apresentações públicas com sucesso. Quando falo que ele gostava de dançar, ele dispara à queima roupa:

- Eu não gosto de dançar, EU DANÇO!

Enquanto ele falava sobre dançar, demonstrava passos, eu já estava pensando nele como um instrutor de dança, um consultor, alguém que pudesse estimular a construção de projetos de vida. Eu já tinha visto um grande futuro, com um projeto inteirinho para vida dele através da dança. Mas, nunca mais o encontrei. Parece que ele se desentendera com alguns moradores e, acabou fugindo. Pena, ele poderia ser um ótimo agente de mudanças, pela dança, pelo desejo. Segundo o meu desejo: podendo ser desejo emprestado, ou desejo que assusta o outro.

A Proposta

Eis que um dia, após uma sequência de discussões provocadas pelos residentes e preceptora, onde problematizávamos se o Caps (Centro de Atenção Psicossocial), quando inseria um novo usuário no serviço, ouvia realmente essa pessoa, se fazia seu Projeto Terapêutico Singular (PTS) COM

ele, ouvindo-o quanto aos seus desejos, se ele era ouvido sobre o que ele gostaria de fazer e era pactuado em conjunto com ele uma oferta de atividades capazes de produzir algo de inédito, resgatando alguma coisa de sua vida esquecido ou experimentando algo novo, que o motivasse a olhar o mundo de outra forma. A equipe, com autorização da gestão, decide reduzir sua atividade de trabalho excepcionalmente, para discutir suas práticas. E acontece algo que as paredes do Caps ainda não tinham visto, os profissionais pensando sobre o que fazem!

E chega o dia inédito. Aproveito o momento para provocar a equipe. Trago para a reunião uma ideia. Proponho que as atividades a serem ofertadas aos usuários tenham relação com áreas de interesse/desejo de cada um dos componentes da equipe. Mostro o guia Gam (Guia da Gestão Autônoma da Medicação) que conheci em seu lançamento em Porto Alegre. Uma das pessoas responsáveis pela execução deste projeto de pesquisa, Rosana Onocko - Campos, quando da sua exposição destaca uma determinada página do guia. Na página 39, vê-se um círculo sem nada em seu interior. Na página anterior, uma pergunta. Uma dessas perguntas que todos deveríamos sempre ter presente na vida:

- O que você precisa para viver? Anote no círculo ao lado.

Afirmo que talvez essa seja a ação capaz de produzir algo de inédito naquele lugar, onde mudam as pessoas e as práticas continuam as mesmas... Falo do que gosto, do que preciso para viver: cinema, teatro, literatura, arte. O grupo aparenta gostar da ideia. Falo da vontade de propor um grupo em que as pessoas participassem de forma espontânea, onde o mote fosse uma música, uma poesia, um texto. O conteúdo que serviria como disparador da atividade, não deveria necessariamente estar ligado ao que imediatamente trouxera os participantes até Melânia. A atividade deveria tentar estimulá-los a aumentar seu poder de reflexão e assumirem-se como protagonistas de suas vidas pensando na construção de futuros projetos de vida. O foco deveria ser a pessoa, não a doença. Trago outro material para a reunião, um achado! Um texto que há pouco lerá em um jornal:

A realidade é traumática, e as histórias geram alguma leveza, como esta: um dia, chegaram a uma aldeia a Verdade e a Parábola para discursarem. A praça principal estava reservada à Verdade, e, quando foi falar, só havia quatro pessoas e um cachorro. Já na outra praça do lugar, a Parábola falou diante de um grande público. Ao final da noite, as duas se encontraram e a Verdade, abatida, perguntou à Parábola por que tão poucos foram vê-la, se ambas pensavam igual. Então a Parábola disse que tudo dependia de como se dizem as coisas. Precisamos das histórias, das danças, das músicas, do humor, para transcender. Só com a leveza podemos levitar sobre a pesada

realidade. (Abrão Slavutzky - Psicanalista publicado em 26/07/13, Zero Hora)

O texto reverberava o que pensava. Quem pode saber o que uma determinada ação nossa possa produzir? E, principalmente quando essa ação diz respeito a produzir mais saúde para alguém que tentamos cuidar?

Quando lanço essa proposta, uma psiquiatra que chegara há pouco proclama:

- Caruso, quero fazer o grupo contigo!

Caro amigo, não imaginas minha felicidade e dificuldade inicial: como seria partilhar um grupo com uma médica. Eu, ainda não a conhecia. Como seria nossa interação? O grupo teria participantes? Já que a ideia era que a adesão fosse espontânea. Também estava experimentando propor algo num lugar que se ouvia muito que os usuários rejeitavam tudo, não participavam. Como vêes Mauro, ser residente é estar num lugar de risco, de criação, de arte! Num lugar onde não se tem bem certeza de onde se irá chegar ao partir, como um aventureiro, como um profissional de saúde de Airíliram me alcunhara, ao saber de minha mudança para Porto Alegre. Ou como diz uma colega da residência, Danielle Scholz: o residente é o profissional do possível!

A Oficina da Palavra

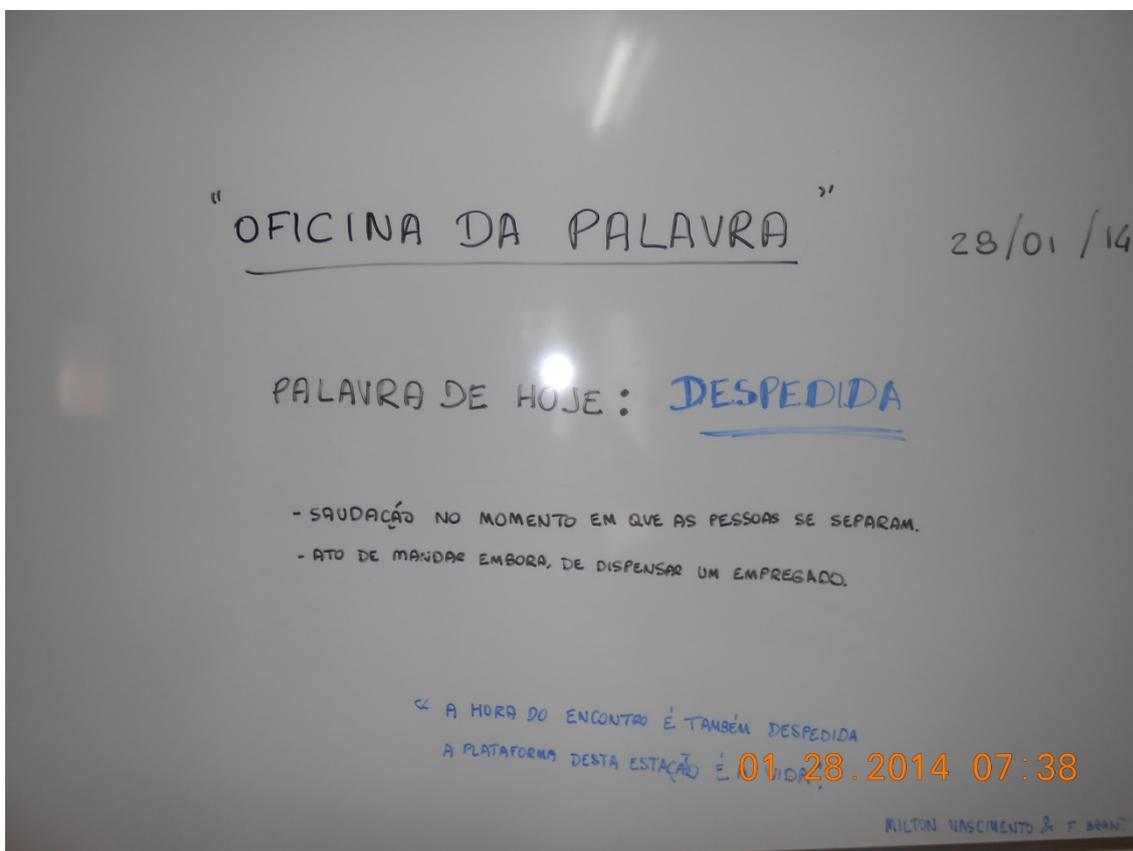
O que o dicionário nos diz a respeito da palavra oficina? Vamos ao dicionário:

Lugar, onde se exerce um ofício: *oficina de caldeireiro*. Laboratório. Lugar, onde se guardam os utensílios de uma indústria ou arte. Dependência das igrejas e de outros edifícios, destinada a refeitório, dispensa, cozinha, etc. **Lugar, em que há grandes transformações. (grifo nosso)**
<http://www.dicionarioweb.com.br/oficina/>

Destaco o que pretendo para o espaço da ***Oficina da Palavra***, um lugar em que ocorrem grandes transformações! A partir de um estímulo inicial, seja uma música, uma poesia, um texto, o objetivo de nosso grupo era fazer a palavra circular. Proposta desafiadora, porque as pessoas perderam essa naturalidade, principalmente quando vão à Melânia e, buscam ser ouvidas. Elas repetem discursos que aprenderam em vários locais. Assim, reproduzem discursos e escondem o que realmente pensam.

Inicialmente, os participantes chegaram ao grupo com um sentimento próximo ao que Averaldo verbarizara. Traziam apenas seus corpos sem se implicarem. Como o material que era oferecido como disparador tinha um conteúdo não imediato ao que os trouxera até Melânia, e, nem eu nem a

médica “conduzíamos” qual era a resposta certa ou esperada para um dado material, passaram a se arriscar e experimentar alternativas...



Gostaria de falar de uma oficina em especial: nesse dia apresentei o vídeo “Crisântemo” de um compositor chamado Emicida. Ela versa sobre uma família pobre em que o pai consome álcool e depreende-se que por isso acabou separando a família. A palavra título nunca é mencionada na letra, mas percebe-se que está relacionada a perda de alguém. Crisântemo é uma flor que se costuma levar a cemitérios. Pelo transcorrer da música entende-se que o autor tenta elaborar a perda do pai. Ao convidar aos habitantes de Melânia para a oficina, fui perguntado o que teríamos naquele dia contrapús: vai lá e descubra, se não gostar pode sair. Nesse dia havia montado um dispositivo teatral: o que esperava os participantes do grupo era uma sala as escuras, sete velas acesas e um vaso de flores, de crisântemo. A reprodução da música transcorreu sem problemas. Porém, o que se ouviu ao final dos participantes foi uma inflexão em seus discursos. Falaram de si, de suas famílias e seus dramas de vida. Colocaram-se como agentes e conseguiram refletir sobre sua vida e escolhas. Ah, e é claro perguntaram o porquê das sete velas... A explicação era bem simples: de um pacote com oito velas, uma havia se quebrado!

Foi uma experiência muito valiosa, e tive retorno de alguns dos participantes. Segundo eles contribuí de alguma forma para instigá-los a pensar. Provocá-los a ser agentes, autores de suas vidas era o sentido que me movia. Afinal, não é isso que busco para a minha vida?



Conclusões

Penso no que resultou dessa experiência para teu mapa e para a residência. Começando pelo final, creio que minha postura de procurar contribuir para o cuidado das pessoas que acorrem ao Caps/Ad e procurar não julgar outros profissionais que tenham pensamento contrário, possibilitou contrapor discursos de forma assertiva e possa ter deixado marcas positivas. Já para teu mapa talvez devas incluir a ARTE como dispositivo capaz de produzir dos mapas ampliados de vida. E também reservar um espaço para aquela pergunta fundamental: **O que você precisa para viver?** Deixo ao final uma reflexão de meu mestre:

O trabalho do Caps só é possível porque nos colocamos no lugar daquele que busca entender que não é uma doença o que está em questão na demanda de quem nos procura, mas sim um sujeito com seu sofrimento, com sua singularidade. É a ele que é destinado o trabalho. O usuário é o centro da atenção. Quanto maior a diversidade e a quantidade de ferramentas teremos mais possibilidades de construir projetos de cuidado adequados à complexidade de nosso ofício. (Yasui, 2010, p. 148).

Carta VII - Valdrada

Os habitantes de Valdrada sabem que todos os seus atos são simultaneamente aquele ato e a sua imagem crepuscular, que possui a especial dignidade das imagens, e essa consciência impede-os de abandonar-se ao acaso e ao esquecimento mesmo por um único instante... às vezes o espelho aumenta o valor das coisas, às vezes anula. Nem tudo o que parece valer acima do espelho resiste a si próprio refletida no espelho. As duas cidades gêmeas não são iguais, porque nada do que acontece em Valdrada é simétrico: para cada face ou gesto, há uma face ou gesto correspondente invertido ponto por ponto no espelho. As duas Valdradas vivem uma para a outra, olhando-se nos olhos continuamente mas sem se amar. (Calvino, 1972, p. 25)

*

Caro amigo, nessa carta eu não poderei adotar um estilo realista. A cada cidade que escolhia dentre as **Cidades Invisíveis** de Calvino, essa que se espelha em Valdrada é a mais difícil de narrar, mais fugaz em conseguir ser retratada, e quando vista de perto, parece que algo de imaterial, etéreo, oblitera nossos olhos. Não consigo explicar o porquê isso ocorre. Porém, quem se dispõe a ir até lá observa essas transformações no próprio corpo. Não sentimos logo essas modificações. Elas penetram nosso corpo aos poucos, vão alterando nossos sentidos. O que penetra por nossos olhos, ouvidos, tato, paladar e olfato não é notado logo como diferente. A impressão é de uma névoa, uma neblina que encobre nossa percepção. Ledo engano. Quando percebemos estamos dominados. Já não somos mais os mesmos, mas outros, seres copiados até a última célula, clones de nós mesmos. O que nos chamava a atenção, o que nos afetava o corpo acaba sendo incorporado, e já não nos soa como estranho. O relato que te farei tentará adotar um tom de realismo mágico. Só um olhar poético pode dar conta de tentar explicar como vivem essas gentes. Espero ser capaz de realizar o que me proponho.

I - As Valdradas

Cada uma acredita ser única. Porém, coexistem no mesmo tempo e espaço. Cada uma crê que seu modo de ver o mundo é o ideal e verdadeiro, excluindo qualquer outro. Numa delas existe uma névoa que os habitantes consideram como natural, quase como se alguém que tivesse catarata e acreditasse que o mundo realmente tornara-se esfumado, impreciso e não que uma película se formara e atrapalhara a sua visão. Na outra, a limpidez parece afetar os sentidos dos habitantes. Uma assepsia no pensar acaba também afetando a visão, excluindo qualquer variação no pensamento. As Valdradas se veem e se estranham, nunca se amando. Têm por objeto as mesmas pessoas e, cada uma advoga que seu modo de ação é o correto, excluindo qualquer outro olhar.

Uma parte dos habitantes (trabalhadores da Saúde) das Valdradas, Nublada e Límpida, têm por função cuidar dos demais habitantes das cidades. Exercem esse cuidado de modo não integrado, e na maior parte das vezes de modo antagônico. Às vezes, o cuidado é exagerado, criando dependência; outras vezes, o cuidado é realizado de forma a tentar torná-los independentes, mas nem sempre ouvindo realmente suas demandas.

II - A Rainha e o Bobo

Poucos habitantes das Valdradas conseguem escapar das órbitas das duas cidades. Entre eles, dois seres muito especiais, cada qual ao seu modo: a Rainha e o Bobo. Nas duas Valdradas; eles, Rainha e Bobo, são notórios - singulares em seus modos de viver. Porém, poucos dos trabalhadores da Saúde das cidades, conseguiram até hoje captar o quanto os dois são analisadores para essa relação dicotômica entre os modos de cuidar. No ano passado, não sei bem porque acabei acompanhando-os, partilhando um pouco de suas vidas. Penso como isso ocorreu. Teria sido fruto do acaso? Teria alguma relação divina? Por que logo eles dois, quando havia muitos outros para me ocupar? Hoje, caro fray, creio que isso já estivesse pré-determinado. Não escolhi, fui escolhido. Pessoas singulares que, de tão singulares, já não são mais vistas... Ainda não sabia que tanto a Rainha, quanto o Bobo tinham o poder de escapar do raio de ação da órbita das Valdradas. Eu acabei acompanhando-os nas suas andanças, e assim pude observar os modos de cuidar das duas cidades.

III- A Rainha

A Rainha circula em seu trono com rodas, majestosa pela posse de seu feudo. Faz com que muitos se tornem seus servos, e estes a servem por vontade própria, certos de estarem dando sentido a suas vidas. Porém, ela exerce seu poder, de forma a que seus súditos fiquem enternecidos em servi-la. Como toda Rainha é bastante geniosa e, quer que seus desejos sejam atendidos prontamente. Coisa que nem sempre acontece.

Ela tem por hábito capturar o mundo através de seus pincéis. As Valdradas ficam impressas em suas telas e, ela diverte-se, em servir-se delas como seus temas. A Rainha captura castelos, arvoredos, nuvens, pássaros, seres mitológicos, humanóides. Todos habitam suas telas. Incansável em retratar a realidade, todos os dias se impõe a tarefa de captar mínimas variações ocorridas nas duas Valdradas: Nebulosa e Límpida.



Observando seu feudo

*

Poema da Possibilidade

Pincel suspenso

A tinta espessa na ponta do pincel

Está prestes a cair

O olhar da Rainha vaga

Parece ouvir a música ambiente

Parece prestar atenção nas conversas

Observa a parede e os desenhos nela

Os pensamentos parecem distantes.

Uma figura feminina parece gritar

Ou estar contente.

Uma casa bem colorida

Uma figura imprecisa

Uma flor pousada no teto da casa.

Na pintura de outro dia,

Pinta um carro.

Talvez, para visitar os residentes?

Amarelo, vermelho, azul,

Branco, verde, marrom.

Poucas escolhas.

Que ela amplia

Misturando as cores

Com o pincel.



Preparando-se para iniciar a captura da realidade

*

Iconografia

Uma árvore ao centro

Um pássaro bica uma árvore
Do seu olho escorre algo...
Ou seria só tinta escorrida?

Uma casa embaixo,
Desproporcional em relação às outras figuras
As proporções estão corretas?
Ou é esta a intenção da artista?
A casa estaria longe?
A família estaria longe?

*

A Rainha ao ver-me, por vezes dizia:

- Ah, tu veio... Ontem estava com uma raiva de ti! Por que tu não veio me levar pra oficina? Explico que não posso estar com ela todos os dias. E, ela aparentemente esquecida da queixa, começa a cantar:

- Porto Alegre, Porto Alegre.

Já dissera que a Rainha é geniosa, ignora que a minha cota de cuidado ocorre em dois dias da semana. Tento que os trabalhadores de cada Valdrada entendam o quanto representa para ela ir até a oficina. Ali é lugar onde a vida acontece. Ela **NECESSITA IR ATÉ LÁ, TODOS OS DIAS**, para ela esse é o seu remédio. Porém, na época que a acompanhei, ela dependia que empurrassem seu trono até lá, perdera sua autonomia. Procurara engajar outras pessoas nesse cuidado. Isso ocorrera algumas vezes. Mas, por vezes ela fica em sua unidade, onde mora, xingando, esperando que assim, ouçam-na, e a levem até a oficina.

Mauro, já dissera das estranhezas dos modos de cuidar das Valdradas. Uma trabalhadora da nublada, quando eu tentara que alguém a levasse até a oficina, nos dias em que não estava presente, contrapôs:

- Nós poremos um cavalete aqui na unidade e, ela poderá pintar quando quiser...

Já a límpida, a que preconiza ouvir os moradores, não consegue executar uma ação capaz de problematizar o cuidado singular da Rainha. Também não conseguem comprometer-se que, ela vá, **TODOS OS DIAS ATÉ A OFICINA**. Quem acaba tentando contemplar o desejo da Rainha, parcialmente, era um grupo de voluntários que tentam suprir os descuidos das cidades...

*



Chamando o Sóli...

*

A Rainha, há tempos, não saia muito longe das cidades gêmeas que não se amam. Mas, ela parece ter o poder de fazer que, quem a acompanhe tente realizar seus desejos ao máximo. Proponho visitarmos um centro de compras vizinho das Valdradas. Ela aceita prontamente. Ao nos deslocarmos até lá, de taxi, ela afirma:

- Faz tempo que não vou no shopping!!!!!!
- Ninguém me leva no shopping!!!!!!!!!!!!

*

Lugar de ostentação, riqueza, luxo, elementos naturais da realeza deixam a Rainha esfuziante! Excitada fica nervosa quando desloco seu trono mais rápido do que ela desejaria, pois estava escolhendo objetos para comprar. E, me xinga!

- Tu não me deixa ver!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

Almoçamos. Tinha planejado e combinado com ela, fazer uma visita a um grupo de moradores que saíra da órbita das Valdradas. Haviam se mudado para perto dali. Essa era uma das estratégias mais recentes e inovadoras dos trabalhadores da Valdrada límpida. Ela concordara. Porém, quando após o almoço, tento ir até lá, com ela; se irrita novamente:

- Tu é BURRO !!!!! Não quero sair do shopping !!!!!!!!!!!
- Quero ficar aqui !!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!
- Quero um chinelo atravessado !!!!!!!
- Temos que aproveitar que tem dinheiro !!!!!!!!!!!!!

*

Noutro dia, encontro a Rainha indignada. Estava com uma bolsa preta, de verniz, descascada, velha, atravessada no peito. Ela reclamava:

- Não quero essa borcha!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!
- Essa borcha é feia. Não quero essa borcha!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

Alguém inadvertidamente dera a ela uma bolsa... usada. Tomaram-na como louca, que ela não conseguiria perceber a diferença de uma bolsa nova de uma usada. Dificuldade de “ver” o óbvio: alguém que escolhe criteriosamente as cores de tinta capazes de capturar o mundo, como não iria percebê-lo! Penso ser a névoa que recobre uma das cidades a culpada. Não permite a seus moradores a exata apreensão da realidade, e assim conseguir atender a demanda explicitada pela Rainha. Queria uma bolsa NOVA! Como qualquer mulher “normal”, isso era INDISPENSÁVEL!

Na volta da oficina, escrevo no seu diário de bordo:

- ***Aviso aos navegantes. Se forem dar algo de presente à Rainha, perguntem-se primeiro se dariam para A SUA MÃE !!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!! (desde é claro, gostem dela...)***

*

Sáimos para comprar uma borcha. Vamos até o centro de Porto Alegre, num centro de compras popular. Ao chegarmos e ver tantas borchas ao mesmo tempo, com tamanhos e cores diferentes, encanta-se. Demora na tarefa de encontrar a que levaríamos. Acaba escolhendo uma. Fica feliz. Ao voltarmos, me dá um abraço e um beijo!

*

Noutro dia, na oficina, local de sua predileção, pergunta:

- Tu não tem pena de mim?
- Me leva para morar em tua casa!
- Pode ser numa peça nos fundos...

*

Outra da Rainha: comprei sorvete para ela de dois sabores. Ela delicia-se. Repete duas vezes. Quando termina, me encara, sorri e pergunta:

- Pergunta se eu quero mais?
- Rainha tu quer mais?
- Claro!!!!!!!!!!!!!!!

*

Mais uma da Rainha. Ela olha para mim e dispara:

- Quero ser tua!!!!!!!!!!!!!!!

*

A expressão desses desejos teria alguma relação comigo? Esse será o preço em estar ao lado de alguém sustentando seu desejo? Mas e o que fazer com isso, quando se volta para casa, e sabe-se que ela ficara por sua conta e risco nas Valdradas?

*

A Rainha vivia num local da cidade onde recebia cuidados de trabalhadores da Valdrada nublada, porém para a ótica dos trabalhadores da Valdrada límpida, estaria cotada para sair da órbita das cidades. Iria morar em Porto Alegre, com um grupo que sairia de lá. Ela foi consultada sobre a saída e concordara. Acreditavam que estavam investindo no seu desejo. Mas, ela acaba não saindo. Talvez, porque fosse uma peça fundamental para o equilíbrio entre as cidades. Talvez sua presença possibilitasse aos trabalhadores das duas cidades espelhadas acreditar que “cuidam” dela...

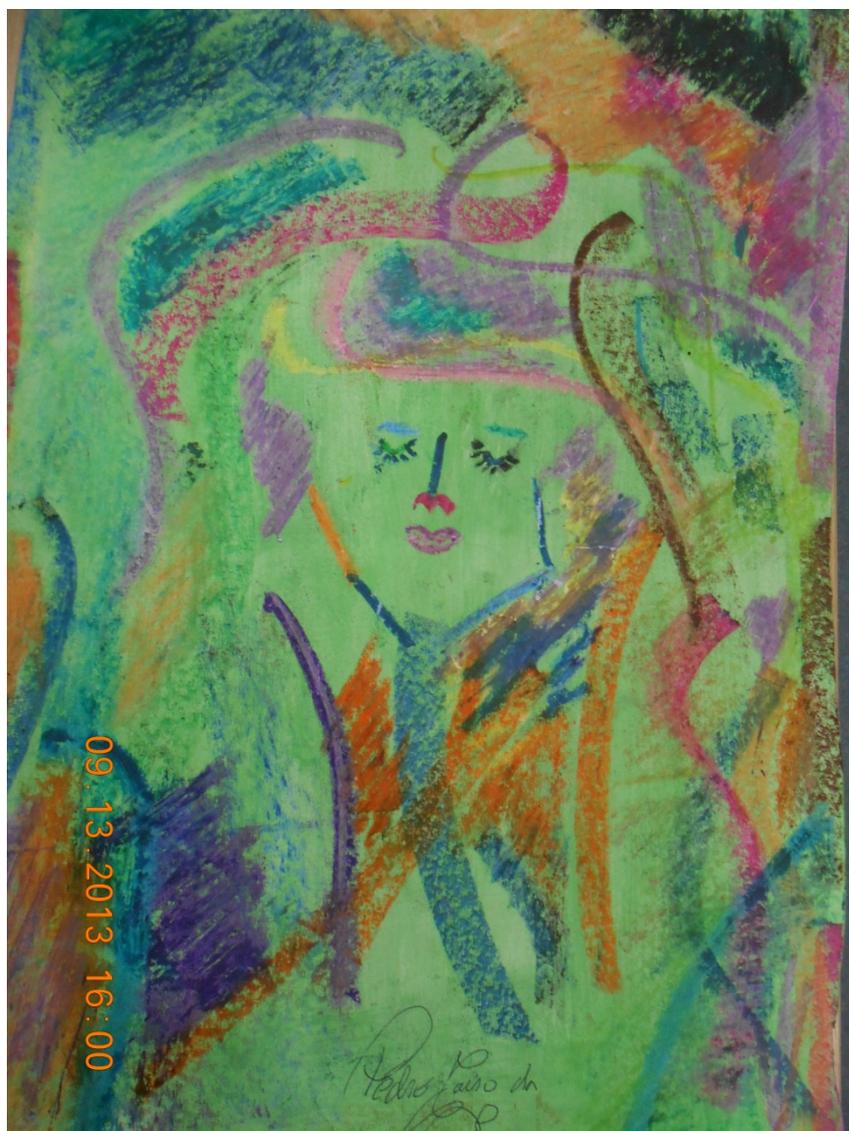
Senti-me o tempo todo incapaz de tornar visível sua singularidade. Aos que acreditavam que ela teria condições de sair, tentava fazer ver que ela, se saísse, **NECESSITARIA IR TODOS OS DIAS NA OFICINA! É LÁ ONDE SUA VIDA TEM SENTIDO. É LÁ ONDE ELA CAPTURA A REALIDADE EM SUAS TELAS.** Se ela saísse das cidades, deveria ter garantido seu desejo de vir até a oficina, **TODOS OS DIAS!** Aos que pensavam que ela não tinha possibilidades de sair, pois não tinha mais vínculos familiares, e o melhor para ela era ficar na

Valdrada nublada, também não atribuíam valor a suas idas a oficina TODOS OS DIAS...

*

Caro, Mauro, já deves estar enfastiado com esse meu relato. Onde será que ele irá desembocar? Confesso que escrevo deixando que as lembranças me guiem, e que a memória estabeleça as conexões do que eu gostaria de dividir contigo do que de essencial resultou da minha vivência nesse local e, do que resultaria de essencial para ti para tua captura completa de cartografares o mundo. Penso ser melhor falar do outro personagem. Busco tempo para conseguir sintetizar essa experiência angustiante.

IV-O Bobo



Artes do Bobo

O Bobo mais que ninguém transita pelas Valdradas. É cidadão nas duas. Essa dupla cidadania não é bem vista por nenhuma delas. Cada uma delas, espera que ele faça uma opção. Ele, sabedor de seu poder, sorri. Seu desejo é ser singular nas duas. Ao mesmo tempo, que é odiado, é também estimado na mesma proporção. Ao saberem que eu o acompanhava dividiam comigo “confidências” sobre ele: os trabalhadores da Valdrada nublada, falam que ele estuprava moradoras. Os da límpida, contam da poesia que ele fez sobre a rotina diária da Valdrada nublada.

Ele também transita pela oficina, mas é indolente. Considera sua criação mais que uma apreensão da realidade, para ele sua produção tem valor de uso. Iria produzir se fosse pago. Acordado o valor, irá considerar o valor insuficiente. Assim, só raramente produz algum trabalho representando a realidade das duas cidades. Muitas vezes destrói o material que produzia, modo de como ele avaliava o pouco valor atribuído a sua produção.

Acompanhá-lo produziu, em mim, sentimentos antagônicos. Na maior parte do tempo me sentira inútil. O Bobo por vezes me elogiava. Falava que eu era tranquilo. Não brigava com ele quando íamos às compras. Dizia-me que eu não falava o que ele deveria ou não consumir. Propusera que ele bancasse suas escolhas. Outro shampoo? Bom, então tu sabes que faltará dinheiro para comprarmos suco de laranja... E o que comprávamos? Artigos de higiene pessoal, refrigerante, suco, salgadinho, ah e é claro, o mais fundamental: chá emagrecedor Araguaia! Essas escolhas eram vistas, pela Valdrada nublada, como desperdício de dinheiro. Queriam que eu “controlasse” suas compras.

*

Durante o período que eu o acompanhei, o Bobo conseguiu uma renda fixa, da Valdrada límpida. Essa renda era relacionada ao programa “De Volta para Casa”, auxílio referente ao fato de ter morado na Valdrada nublada algum muito tempo. O Bobo tinha autonomia de ir e vir, outro lugar para morar, não “precisava” voltar a usar os serviços dos trabalhadores da Valdrada nublada. Santa ingenuidade, Batman! Acreditar que ele não mais procuraria esses trabalhadores, para, por exemplo, pedir injeção na veia, quando alguém contrariasse seus desejos... quando o dinheiro acabasse...

Como vê Mauro, outro ponto de confronto entre as formas de cuidar das cidades. Como tirar do corpo do Bobo a Valdrada nublada, se lá ele era “famoso”, de uma forma, ou de outra? Desinstitucionalizar à força também é uma violência tão grande quanto o movimento contrário... para o Bobo, isso não fazia sentido.

*

Noutro dia encontro-o amuado, triste. Está sem dinheiro. Num desses dias sombrios ele sentencia:

- Meus dias estão contados!

Eu tentado demovê-lo desse estado digo que eu também tenho meus dias contados! Minha intervenção não produz efeito nenhum...

*

V - Conclusões

- - - - - estou procurando, estou procurando. Estou tentando entender. Tentando dar a alguém o que vivi e não sei a quem, mas não quero ficar com o que vivi. Não sei o que fazer do que vivi, tenho medo dessa desorganização profunda. (Lispector, 1998, p. 11)

Agora começo a entender o porquê não tinha conseguido até hoje escrever sobre essa experiência. Já havia sido convidado a escrever sobre esses personagens por uma pessoa significativa da Valdrada límpida. Não consegui. As palavras teimavam em não sair. Queria passar a indignação que sentira durante o ano que vivenciara a experiência de estar ao lado da Rainha e do Bobo, e graças a singularidade deles, poder “ver” o invisível. Mas, para isso devo voltar ao Bobo. Ele tem inscrito no corpo as duas Valdradas.

*

Noto que talvez o símbolo máximo dessa divisão de olhares esteja refletida num detalhe que até hoje não tinha me dado conta. O Bobo tem algo de característico no corpo. Seus olhos refletiam a dicotomia das cidades. Nos seus olhos estão espelhados as duas visões de mundo. Cada olho dele reflete a visão de uma Valdrada. Um olho é “normal”, o outro “nublado”, obliterado por uma névoa. Talvez, pensando agora, devesse tê-lo nomeado de Rei (em Terra de cego quem tem olho é rei...). O Bobo é a resposta para minhas angústias. Mas qual é afinal o que resta de singular dessa experiência para minha conclusão de curso e de particular para teu mapa? Creio que não devemos esquecer que para tornar algo visível é preciso olhar! **“O instrumento da visão não é o olho, mas o olhar” (Merhy, 2013)**. A resposta foi achada. A forma de modificar a convivência das Valdradas é transformá-la através do “olhar”. Ele dará a resposta de como devemos agir. Qual seria o caminho correto? Ideal? o do meio?... no interstício? Caro fray, peço-te que incluas em teu mapa o olhar.

PS: Mauro, esse texto é o que estava me dando mais trabalho. Lia e relia. Corrigi várias vezes. Mudei muitas coisas. Ainda não considero que esteja bom... Mas, ao final encontro um texto, de uma trabalhadora, da Valdrada

límpida que reflete minhas angústias. Que achado! Não posso de deixar de incluí-lo!

Num livro recentemente lançado, “O Cuidado do Morar”, num texto intitulado: ***(Des)encontros na Crise: construir incertezas, que caminho é este?***, **Stelamaris Gluck Tinoco**, a autora faz um desabafo. Trabalhadora da Valdrada límpida, fala de sua experiência de, ao atender uma pessoa que estava em crise, ter de lidar com o mais alto escalão dos trabalhadores da Valdrada nublada. Para surpresa dela, esse profissional “olha” esse sujeito em crise. Pergunta a ela, que o acompanhava o que ela achava qual a melhor forma de cuidado.

Mas, Mauro eu estou falando, falando, melhor deixá-la falar:

Quando falo do ineditismo da dúvida na psiquiatria, não quero entrar num viés binário de bons e maus como oposição, mas analisar a construção de relações de poder como uma produção coletiva. A psiquiatria ser detentora de um saber que lhe confere um poder absoluto, produzindo verdades inquestionáveis é uma construção cultural legitimada por todos/as nós. É a primeira questão para a qual esta experiência chamou-me a atenção. Uma segunda questão é que a dúvida e a certeza também são construções culturais, e como tais, não são imutáveis. Quando nos colocamos como defensores/as, ou militantes, da Reforma Psiquiátrica, fazemos de suas diretrizes e princípios um jeito nosso de olhar o mundo e suas relações. Esse **olhar** pressupõe a liberdade, a vida com escolhas, a problematização dos processos de exclusão. Contudo, ao nos identificarmos com este campo político-filosófico, igualmente nos encastelamos em **certezas**. (TINOCO, 2014, p. 122).

Como vêes, Mauro, quando desqualificava o que estava por vir, tens comprovado agora. Stelamaris, acaba de dizer que meu pensamento não é original... O corpo dela também fora afetado, experimentara as mesmas dores que eu... Mas, muito antes de mim. Portanto, deixemos que ela encerre esse texto:

Ainda assolada pela perplexidade, fica a reafirmação de que seguimos aprendendo todos os dias e que, se a **dúvida** é ferramenta com a qual operamos, a **surpresa** é companheira. A partir daí, há espaço para a criação. (TINOCO, 2014, p. 124).

Portanto, Mauro, imprima no teu mapa (e no meu percurso pela residência), as palavras: **OLHAR, SURPRESA e DÚVIDA**.



Carta VIII - Ercília

Em Ercília, para estabelecer as ligações que orientam a vida da cidade, os habitantes estendem fios entre as arestas das casas. Quando os fios são tantos que não pode mais atravessar, os habitantes vão embora: as casas são desmontadas; restam apenas os fios e os sustentáculos dos fios. (Calvino, 1972, p.32)

A- Mulher- que- não- era- ANDARILHA e o Homem Divi-dido pelo Rio/Lago



Um dos locais onde transita a Mulher-que-não-era-Andarilha

*

Novamente, Mauro, não consigo escrever sobre uma cidade num tom realista. Essa cidade (da qual irei te falar) exige o tom da fábula. Ainda não tenho uma explicação para usar esse recurso (outra vez). Talvez exista uma ligação, algo de comum com a história passada que eu ainda não me dei conta. Mas, você mesmo me dá a resposta para minhas conjecturas:

Nos que la sensación de que solo com que hubiésemos decidido actuar antes em ver hacerlo después, podríamos haber descubierto ló que estábamos buscando.(Cowan, 1996, p.14)

*

A-Mulher-que-não-era-Andarilha desliza pelas ruas. Indolente, despreza qualquer meio de transporte público ou privado. Os outros é que precisam de auxílio para se mover, ela não. Os mortais comuns vivem numa única habitação, ela não. Tem múltiplos locais onde se abrigar. Mauro, ela aparenta conhecer Ercília e, o risco de ter seus passos seguidos por essa rede que aprisiona... Assim, a impermanência é sua ancora. Sua singularidade é vista com estranheza, principalmente por sua capacidade de ouvir o que as pessoas pensam através das paredes. Creio haver algo de persecutório nessas gentes que a rotulam. Devem temer o poder que ela tem. Sentem-se vigiados.

*

O Homem Divi-dido pelo Rio/Lago também tem algo de singular. Vive num lado do Rio/Lago sem gostar de lá. Explico-me sobre essa estranha existência que é Rio/Lago ao mesmo tempo: falo do rio Guaíba. Existe uma polêmica sobre se o Guaíba é um rio ou lago. Seus familiares moram em Porto Alegre, ele na cidade de Guaíba. Cada cidade num dos lados do Rio/Lago. Para ele aquele lado não é um porto seguro, alegre. Alterna tempos num dos lados, com tempos noutra. Essa ambivalência se expressa também em seu olhar sobre si. Constantemente encontra-se indeciso sobre que caminho tomar, de que lado ficar. Rígido no seu modo de viver, ele acredita que as pessoas deveriam ser como ele gostaria, não como são. Essa tensão acaba sendo expressa no corpo. O Homem Divi-dido pelo Rio/Lago arranca pelos do rosto. Também, assim como a Mulher-que-não-era-andarilha, é visto com estranheza por esse comportamento.

*

Guaíba Rio, Não Lago

As características que formam os acidentes geográficos são tão numerosas e variadas que dificilmente podem ser elaboradas regras rígidas para uma determinada denominação. No que tange ao Rio Guaíba especificamente, os defensores da denominação Lago, apregoam detalhes e conclusões subjetivas e opiniões próprias, desconsiderando fatores básicos. Básico é o que é universalmente aceito e o que consta nos compêndios de geografia e dicionários (que regem o significado das palavras). Não podemos modificar estes conceitos sob o pretexto de enquadrar um detalhe subjetivo e tentar modificar todo o significado. É sabido que: *Rio é um curso de água que se desloca de um nível mais elevado para um nível mais baixo, aumentando progressivamente de volume, até desaguar no mar, num lago ou noutra rio ("Aurélio")*. O Guaíba é tudo isto, e pouco importa se está preenchendo uma falha do maciço granítico de formação tectônica ou não. O que então é um lago? Mais uma vez, de acordo com conceitos vigentes: *Lago é uma extensão de água cercada de terras*. O Guaíba não é nada disso, a não ser que se construa uma represa em Itapuã.

Há quem diga e considere esta definição incompleta. Na realidade ela não é incompleta, ela é abrangente, pois fora dela encontraríamos um infinito número de detalhes, situações e modelos muitas vezes contraditórios entre si, que justamente empolgam os mais estudiosos, criando as mais variadas argumentações dentro de um plano meramente subjetivo.(...)Com todo o respeito à opinião dos que divergem, simplesmente não faz sentido querer impor uma modificação de um nome que tanto significa para a coletividade, sem consenso, com argumentos subjetivos e muitas vezes discordantes entre si, desconsiderando critérios básicos, definidos e mundialmente reconhecidos. (Knippling, 2004).

*

Chego até eles por meio de uma demanda de serviços de saúde mental de Porto Alegre, que os percebem com problemas para se ajustar a uma vida “normal”. Esse pedido chega ao grupo AT na Rede, onde estou vinculado como residente. Nosso grupo, pensa sobre essas pessoas de forma diferente. Os vê como seres singulares (tanto quanto qualquer um de nós), mas sofrendo por conta de um jeito de viver (que também está para todos nós – um jeitinho capitalista de ser e ver o mundo – que gera sofrimento). Creem que através da circulação deles pela cidade, acompanhadas por pessoas desse grupo, se assim o desejarem, possibilitará algo de inédito, impossível de definição *a priori*. A amizade tem valor fundamental para que esse inédito surja.

*

O início dessa interação nos dois casos foi muito marcante. Num deles, vou até uma das residências visitar a Mulher-que-não-era-Andarilha. No outro, sou convidado pelo Homem Divi-dido pelo Rio/Lago a visitar sua casa do outro lado de Porto Alegre.

*

Analice Palombini, discorrendo sobre o acompanhamento terapêutico (AT) nos fala como sendo uma clínica sem muros que se realiza no espaço aberto da cidade, acompanhando o correr da vida de modo a favorecer o estabelecimento de laços entre o sujeito acompanhado e o território por ele habitado. O AT busca alargar os modos de habitar a cidade para que a diferença possa ter lugar.

É nesse sentido que afirmamos ser o AT uma função emblemática da mistura e contágio das disciplinas psi com o espaço e tempo da cidade. E o seu exercício – que se dá entre lugares, entre o serviço e a rua, entre o quarto e a sala, fora de lugar, a céu aberto – presentifica uma exigência que a reforma psiquiátrica vem colocar aos seus profissionais, seja qual for o dispositivo em causa: o fato de que uma clínica a serviço dos processos de desinstitucionalização coloca em jogo a

desinstitucionalização da clínica mesma. (Palombini, 2007, p. 131).

*

A Mulher-que-não-era-Andarilha demorei a encontrar. Ela estava ausente de um dos locais onde habita, onde os profissionais da saúde estabeleciam vínculo com ela. A Mulher-que-não-era-Andarilha tinha colocado fogo no mato. Quem a conhecia mais diretamente, pedira sua retirada da cidade, separando-a das pessoas, pois tinha medo do que ela pudesse causar a si e aos outros. Porto Alegre parece estar se confundindo com Ercília, aqui como lá, com o tempo a rede que orienta a vida acaba controlando. E a Mulher-que-não-era-Andarilha não se deixa capturar...

*

Num dos documentos produzidos pelos serviços de saúde, sobre suas estranhezas, dizia que ela tinha por hábito visitar a irmã e o pai, deslocando-se para isso de forma mais autônoma possível: ou seja, com os próprios pés. E pensar que por exercer esse direito de ir e vir, de poder escolher executar essa ação de uma forma preconizada como “saudável” (pois, segundo a mídia, caminhar é saudável), e mais ainda, continuar a visitar o pai e uma irmã quando tivesse vontade (pois se relacionar com outros é saudável), era vista por essas pessoas como anômala, em seus atos...

*

Como ela estava “desaparecida” busco conhecer os locais onde ela circula. Num desses locais converso com o ex-marido. Ele me fala do medo de ser responsabilizado por algo que aconteça com ela. Volto até minha casa, pensativo. Consulto meus apontamentos e me deparo com uma informação sobre ela, produzida por alguém que “cuida” da Mulher-que-não-era-Andarilha. Ligo para irmã dela e acabo constatando que a Mulher-que-não-era-Andarilha estivera lá por quinze dias e fora para a casa do pai, numa cidade próxima. À pé. Como era o que descrevia o prontuário dela... Não me contenho. Escrevo para o grupo que “cuida” dela. Digo que ela não estava desaparecida, estava apenas vivendo como gosta: de forma autônoma.

*

Quando a encontro quatro meses depois, ocorre um “bom encontro”. Devido a características de uma de suas moradias, não tenho acesso fácil até ela. Toco a campainha. Quando sou atendido fico sabendo que a Mulher-que-não-era-Andarilha estava ali. Peço que me anunciem e se ela poderia me receber. Ela aceita o meu pedido. Apresento-me. Digo que vim de um lugar distante para conhecê-la. Sobre nossas cabeças passam aviões, já que estamos ao lado do aeroporto. Aproveito e digo que vim para cá dessa forma.

Ela me encara de modo sedutor, querendo me cativar. Ela ainda não havia feito sua refeição matinal. Sua ex-sogra pede que eu passe para ela uma bandeja com seu café da manhã. A bandeja continha uma caneca com café com leite, um pão com manteiga dividido em duas metades e uma banana. Ela antes de se servir proclama:

- Tu vais tomar café comigo.

Eu replico:

- Eu não sou louco de recusar...

Ela pede que eu pegue uma caneca exposta ao relento, suja. Penso:

- Fudeu...

Passo a caneca para ela. A Mulher-que-não-era-Andarilha divide o café em duas metades e me passa a caneca que havia acabado de receber (sim, a que estava limpa)! E pensar quais são os julgamentos que as pessoas têm quando estão próximos dos “loucos”, que estes não teriam momentos de lucidez para ver/ouvir/falar e se importar com o outro...

*

Conversamos durante muito tempo. Ela fala que estava precisando conversar. “Refere” queixas de problemas físicos, como dizem aquelas pessoas que a veem como louca, andarilha. Digo da minha disposição de acompanhá-la se ela assim quiser. A Mulher-que-não-era-Andarilha diz que gostaria de consultar um médico. Falo que se ela quiser posso acompanhá-la. Ela aceita. Marco uma consulta para outro dia. No dia da consulta, vou até lá e iniciamos nossa jornada. Como seria essa viagem? É sabido que ela não gosta de usar meios de transporte público ou privado. O local da consulta é longe, se necessário a acompanharei andando a pé. Mas, para minha surpresa ela aceita irmos até lá de ônibus. A viagem transcorre sem intercorrências. Porém, ao descer do ônibus, no ponto mais próximo do posto de saúde, ainda temos que caminhar um pouco. Está chovendo. Cada um tem um guarda-chuva. As calçadas são irregulares, o trânsito pesado. Ela caminha um pouco a minha frente. Em dado momento, ela para, olha para trás e diz:

- Eu não sei caminhar assim...

*

Chegamos até o local da consulta. Ela espera. Em alguns momentos fala sozinha. Tento ficar sentado ao se lado. Ela se levanta e deixa um espaço entre nós. Diz qual é o seu limite. Chega nossa vez. Ela fala de suas dores. A queixa que no início era física, se desloca, torna-se imprecisa. A médica ouve o seu discurso sem conseguir estabelecer um nexu causal.

*

O Homem Divi-dido pelo Rio/Lago também conheço através de um serviço de saúde. Já estivera lá dias antes, para conversar com uma das pessoas que ouvem suas dúvidas. Eu e ela combináramos que o encontro se daria nesse dia. Após a apresentação o Homem Divi-dido pelo Rio/Lago pergunta-me se tenho tempo. Precisa passar em dois locais antes de voltar ao centro de Porto Alegre. A conversa inicia imediatamente. Ele fala muito. Iria descobrir que sua verbosidade era uma das formas dele exercer controle. Diz que seus problemas estão ligados a três mulheres: mãe, irmã e sobrinha. Estamos caminhando na rua e ele faz referência a uma casa que havíamos deixado para trás. Nela, mora sua família... Ao final de suas tarefas convida-me a ir até sua casa, do outro lado do Rio/Lago, onde mora com uma “amiga”. Uma das informações sobre ele (que recebi da mulher que ouvia suas queixas) era de que existiam muitas mulheres em sua vida. Talvez um homem pudesse ajudá-lo na ancoragem de suas escolhas. Essa seria a “tarefa” que esperavam de mim.

*

O Homem Divi-dido pelo Rio/Lago fala interminavelmente. Estamos esperando um ônibus que nos leve até o outro lado do Rio/Lago, onde mora. Quer saber se já desempenhara essa função antes, e há quanto tempo. As perguntas começaram a ficar intermináveis. Essa seria outra característica de controle que começara a perceber nele. Chegamos até a casa onde ele mora com a “amiga”. Ele entabulava uma conversa telefônica cifrada com ela. Senti que ele gostaria que almoçássemos juntos. Quem estava a nossa espera era sua amiga e uma parente dela. Ah, e também o Alladin, um minúsculo cachorro, que num momento mais à frente, me daria um insight sobre o Homem Divi-dido pelo Rio/Lago. A amiga, com quem ele mora, quer me qualificar como o psicólogo dele. Papel que não aceito. Ao comer, rejeito uma parcela da carne que me foi servida com gordura. Estamos à mesa eu, o Homem Divi-dido pelo Rio/Lago, a amiga, a parente da amiga, e Alladin. Esse observa avidamente sem latir. Quem comanda a conversa são as mulheres. Dizem-me do esforço delas para motivar o Homem Divi-dido pelo Rio/Lago a se mexer. Para isso dizem de si, de como enfrentavam a vida com coragem e determinação. Percebo que a vida do Homem Divi-dido pelo Rio/Lago também estava cercado por mulheres desse lado do Rio/Lago... O Homem Divi-dido pelo Rio/Lago permanecia calado. E, então, acontece a cena.

Ao terminar de comer a “amiga” do Homem Divi-dido pelo Rio/Lago pega o meu prato e começa a dividir o que restara da carne. Alladin, em seu colo, apenas observa com atenção. Não esboça nem um sinal de avançar sobre a carne. Apenas olha com atenção. Após partir toda a carne, ela pega um garfo e com ele espeta um pedaço de carne. Chama Alladin pelo nome e sentencia:

- ETIQUETA!

Alladin, educado, ou melhor, adestrado, controlado, chega próximo da carne e delicadamente a pega...

Não seria o Homem Divi-dido pelo Rio/Lago tão “controlado” como Alladin? Esse modo de controle da Alladin não seria refletido no Homem Divi-dido pelo Rio/Lago? Isso não seria um reforço negativo, como quer alguns teóricos? Conjecturas...

*

Nos próximos encontros o Homem Divi-dido pelo Rio/Lago expressa seu controle para minha vida. Diz ter pesquisado sobre mim na internet. Diz que sabendo pesquisar, descobre-se tudo de uma pessoa... Quer saber que diagnóstico tenho para seus problemas e quer saber minha opinião profissional sobre algumas formas de tratamento. Digo que estou desempenhando outro modo de cuidar, onde eu e ele desempenhamos papéis equivalentes.



Um dos Lados do Rio/Lago

*

Passamos a andar pela cidade. Aquela que mora a mãe, a irmã e a sobrinha. Reflito se suas angústias tem alguma relação com a falta de uma presença masculina. Do pai nunca me falou. Seria eu “capaz” de produzir algo inédito com ele, apenas com nossa convivência? Grande responsabilidade!

*

Falam da Mulher-que-não-era-Andarilha:

Em sexta-feira, 29 de agosto de 2014, Cibele escreveu:

Oi pessoal! O caso dela é bastante complexo e na minha opinião (assim como na opinião de toda a equipe do CAPS-II, inclusive das duas psiquiatras de lá que estavam presentes e ouviram toda a história dela), não parece haver muito mais o que discutir nesse caso. A paciente precisa iniciar tratamento adequado para a doença neuropsiquiátrica que apresenta (diagnóstico de Esquizofrenia e história clínica compatível com esse diagnóstico): medicamento antipsicótico é indispensável! Enquanto houver dúvidas de outros profissionais envolvidos no cuidado da paciente acerca da urgência em iniciar antipsicótico (independente do consentimento dela, uma vez que quando há prejuízo no juízo crítico do indivíduo devemos agir em benefício do paciente, mesmo que isso signifique não poder respeitar a sua autonomia: trata-se de uma clara situação em que a paciente não tem condições de "decidir não usar antipsicótico" por não estar em plenas condições de escolha! Nessas situações o princípio terapêutica do BENEFÍCIO deve ser priorizado em relação ao princípio de AUTONOMIA do paciente (acho que isso é que parece não estar bem claro para os profissionais que vem acompanhando o caso da paciente há mais tempo).

Como estou entrando em férias e só retorno no final do mês de setembro, acredito que a equipe deva pensar em uma outra alternativa de psiquiatra para avaliar o caso antes do meu retorno: sugiro algum dos matriciadores de nossa gerência (Marcio ou Lula).

Reitero minha impressão: a paciente precisa iniciar com antipsicótico (e caso ela não tenha condições de entender isso e consentir/aderir à medicação, uma internação psiquiátrica parece ser inevitável para o início do tratamento farmacológico e elaboração de plano terapêutico singular para o pós-alta de forma conjunta com a equipe assistente e os profissionais que ficarem responsáveis por ela na internação).

Essas são as minhas impressões e sugestões.

Espero sinceramente que a paciente tenha uma avaliação psiquiátrica antes do meu retorno!

Abraço, Cibele.

*

Quem seria capaz de produzir um discurso sobre um dado sujeito sem NUNCA HAVÊ-LO VISTO? Para Foucault (1995) uma das manifestações do poder é a capacidade de produzir verdades.

*

Responde outra profissional, com um ponto de vista diferente (será que Ercília e Valdrada são cidades irmãs, ligadas por fios invisíveis?).

Sexta 29 de agosto, 20:28.

Cibele, a questão não é essa, estamos de acordo quanto à necessidade de tratamento em saúde mental para ela, com uso de antipsicótico, obviamente. Por este motivo temos tentado vinculá-la ao CAPS II desde o início do acompanhamento, que se dava por visita domiciliar em função da Unidade de Saúde ter mudado de área. A questão é que os colegas não se sentem seguros em indicar internação para uma pessoa que não acessa o serviço, que só foi vista uma vez por cada médico, que não tem esta U. S. como referência por estar geograficamente distante do local onde ela passa parte do tempo. Espero que a equipe gestores do cuidado possa fazer essa parceria, nem que seja vindo conversar com a equipe... Vou encaminhar teu email para a equipe e para o Lula. Abraço, Catarina.

*

Vou visitar a Mulher-que não-era-Andarilha com Catarina. Nossa tentativa é a de vinculá-la a unidade de saúde onde ela trabalha e que é referência para os moradores daquele local. A Mulher-que-não era-Andarilha nos recebe, e ouve atentamente o que dizemos. Instigada a falar da necessidade de moradia, de ter uma casa só para ela, diz:

- O que faz falta não é a casa é ter alguém falando mãe, vó, filha, tia...

E depois de ter perguntado se Catarina, tem alguém, e ouvir a resposta negativa, dispara à queima roupa, como diria o Bobo (o que ocorre com Ercília, estaria sendo invadida por Valdrada?).

- Como é para ti chegar em casa à noite, abrir a porta e ter a te esperar apenas flores?

E dizem que a Mulher-que-não-era-Andarilha é louca... Ao final da conversa digo que irei ficar ausente por uns tempos. Vou até aquela cidadezinha de onze milhões de habitantes (São Paulo)... Indiferente com a minha ausência, ordena:

-Traga um presente para mim!



O Presente

*

Andarilho:

- pessoa que não tem moradia.
- pessoa que perambula pelas rodovias e ruas, de cidade à cidade.
- aquele que anda muito, andador.
- andar errante, vaguear.
- moradora de rua.
- que anda muito e depressa.

*

Quais dessas definições “servem” para a Mulher-que-não-era-Andarilha? Essa designação não seria apenas como desculpa para aqueles que se dispõem a “cuidar” dela e, daqueles que transitam pela vida, pela cidade com esse olhar? Longe de mim, caro Mauro, dizer que não exista uma grande dose de sofrimento psíquico envolvida no modo de olhar a vida da Mulher-que-não-era-Andarilha. Mas, como “obrigar” pessoas como ela a “tratarem-se”? Ela tem uma demanda de cuidado em saúde mental? Não seria mais uma queixa da

família? Ou dos profissionais de saúde que não “conseguem” deixar de “tratá-la”? Qual violência é a maior: obrigar alguém a fazer alguma coisa que ela não atribui sentido, ou deixá-la andar pela cidade procurando uma resposta por si mesma?

*

O Andarilho – Quem alcançou em alguma medida a liberdade da razão, não pode se sentir mais que um andarilho sobre a Terra – e não um viajante que se dirige a uma meta final: pois esta não existe. Mas ele observará e terá olhos abertos para tudo quanto realmente sucede no mundo, por isso não pode atrelar o coração com muita firmeza a nada em particular; nele deve existir algo de errante, que tenha alegria na mudança e na passagem. (Nietzsche, 2000, p. 306)

*

Vou com o Homem Divi-dido pelo Rio/Lago até uma escola. Pretende voltar a estudar. Somos atendidos por uma jovem mulher. E ele começa a pedir informações sobre o curso. A conversa que começa “normal”, com o acúmulo de perguntas acaba dizendo muito sobre o modo de fazer escolhas do Homem Divi-dido pelo Rio/Lago. Quer certezas, quer saber de algo que só o tempo poderá definir. Enfim, depois de um tempo volta a estudar. Teria eu tido alguma influência nessa decisão? Teria possibilitado a ele vencer suas incertezas? Também eu, nesse lugar não disponho de certezas sobre o que devo, se devo, dizer/fazer...



O Espectro do Homem Divi-dido

*

Vou visitar a Mulher-que-não-era-Andarilha com Catarina, ela não está. Conversamos com familiares. A demanda da família é de que ela possa tomar remédios e melhorar, se necessário retirando-a um tempo da cidade. Contrapomos que isso não seria a melhor abordagem. Ela precisaria concordar com isso. Tentamos encontrar soluções aparentemente “simples”, possíveis de produzir cuidado para a Mulher-que-não-era-Andarilha. Tecnologia Leve, como um profissional de saúde designa essas ações (o mesmo Merhy citado em Valdrada). Segundo ele, ações que levem em consideração a tecnologia leve são muito mais resolutivas e produtoras de saúde. Acolher o sofrimento em uma continuidade do cuidado, através do vínculo é uma dessas ações. Falando sobre os trabalhadores de saúde, Merhy nos diz:

Partindo desta visão que temos de tecnologias de saúde, podemos afirmar que de uma maneira ou de outra, todos os trabalhadores de saúde fazem clínica, sendo esta o campo principal no qual operam as tecnologias leves, como articuladoras das outras configurações tecnológicas. E, afirmamos isto, mesmo para aqueles que não são entendidos classicamente como próprios da saúde, como é o caso de um porteiro de um estabelecimento de saúde. Por que podemos fazer esta afirmação? Primeiro, porque entendemos que os usuários buscam nos seus encontros com os trabalhadores, particularmente nos estabelecimentos de saúde, a produção de espaços de acolhimento, responsabilização e vínculo. Segundo, porque entendemos que a clínica não é só o saber diagnosticar, prognosticar e curar os problemas de saúde como uma “disfunção biológica”, mas também é um processo e um espaço de produção de relações e intervenções, que se dá de modo partilhado, e no qual há um jogo entre necessidades e modos tecnológicos de agir. Terceiro, porque não há produção de espaços de trocas de falas e escutas, de cumplicidades e responsabilizações, de vínculos e aceitações, se não houver um trabalho clínico ampliado. (Merhy, 2008 , p. 6).

*

Proponho-me a falar com a filha da Mulher-que-não-era-Andarilha. Consigo seu número de telefone. Marcamos um encontro para alguns dias depois.

*

Em 21 de novembro de 2014 08:04, Caruso <lucarusu@hotmail.com> escreveu:

Olá! Ontem, finalmente, consegui falar com a filha de Mulher-que-não-era-Andarilha. Conversamos no terreno da Av. Dique. Fernanda estava relutante em fazer essa conversa, pois dizia que falar sobre a mãe lhe trazia muitas

lembranças ruins. A mãe não estava, saiu há nove dias, e não voltou. Conversei com Fernanda procurando dizer a ela como chegara até ali, e da forma que procurava ajudar a mãe a se cuidar. Falei do meu percurso esse ano no cuidado da mãe e de como os serviços veem qual a melhor abordagem para ela aderir a um tratamento. Fernanda falou dela, e de sua relação com a mãe. Ela que no momento está no início de uma gravidez de um primeiro filho, disse não ter tido uma mãe, e quando se separou dela, não elegeu ninguém para esse papel. Disse que toda vez que vai visitar o pai não se preocupa em saber se a mãe está lá ou não. Embora não tenha carinho por ela, não a evita. Mas, o início do desencadeamento da doença da mãe provocou muitas vivências ruins que continuam a ser reverberadas por Fernanda. Ela lembrou-se de cenas de sua infância: de acordar com a mãe encarando-a, de acordar com a mãe apertando seu pescoço, de não poder se lavar depois de ter brincado, porque a mãe dizia que a estariam olhando.

-Tudo era comigo.

Fernanda disse que o irmão saía de casa quando isso acontecia. Ele não teve essas vivências, ela por ser menor não teve escolha. Falou também de ter lembranças de ter de ir até a delegacia por conta de parente envolvido com drogas. Falo do que eu e a Catarina havíamos conversado com Milda e Zilda e das cenas que elas nos relataram, de qual seria o manejo de determinadas situações ocorridas com a mãe. Busquei inserir Fernanda naquelas cenas e tentar que ela pudesse ver a mãe de outra forma. Ela disse que, por vezes, só por estar próximo dela, acabava tendo reações físicas de aversão provocadas pelas experiências passadas. Fala de odores na mãe que provocam lembranças ruins. Conversei com ela das mudanças que podem ser acionadas para ela e a mãe, com a gravidez. No geral da conversa ela esteve receptiva, porém ela ainda não conseguiu elaborar as vivências da infância e do início do sofrimento psíquico da mãe. Ao final da conversa o ex-marido, e pai de Fernanda, vem até nós e procura saber sobre o que faremos para cuidar da Mulher-que-não-era-Andarilha. Digo que foi pensando nisso que pedi para conversar com Fernanda. O melhor lugar para tentar uma adesão a alguma forma de cuidado da Mulher-que-não-era-Andarilha passa por aquele grupo de pessoas que ela elegeu como um dos significativos para ela.

Eis que surge alguém ao longe, andando no meio no mato vindo até nós. Era a Mulher-que-não-era-Andarilha vindo da direção da Freeway. Fernanda sai de cena. A Mulher-que-não-era-Andarilha passa por mim e o ex-marido sem falar nada. Eu a cumprimento. Porém ela me ignora...

Caruso

*

Converso com a Mulher-que-não-era-Andarilha depois de um tempo sem que ela quisesse conversar comigo. Temperamental dizia:

- Não lhe conheço!

*

Noutro dia, aceita falar comigo. Estava cortando as unhas, pronta para ir visitar a irmã. Digo que no final de semana farão uma reunião para falar dela, no GHC (Grupo Hospitalar Conceição). Ela me pede que marque num papel o dia e horário. Diz que irá até lá, sozinha...



O Recado

*

O sofrimento psíquico não é privilégio da Mulher-que-não-era-Andarilha. Muitas outras pessoas movem-se pela cidade, ou encontram-se segredadas longe dos olhos de todos. Mas, como produzir neles o acesso ao cuidado em saúde mental, se para eles isso não têm representação mental?

Teóricos nos ajudam a pensá-lo:

As boas práticas em saúde mental dependem tanto de uma dimensão profissional, quanto de uma pessoal, em que portadores de transtorno buscam formas de levar a vida com o máximo de liberdade possível, apesar da sua dificuldade. Por isto, várias correntes têm apontado como objetivo das práticas de saúde mental, não somente a remissão de sintomas, mas, principalmente, ampliar a capacidade de cada um de lidar consigo mesmo e com outros. O termo cunhado pelos

movimentos de usuários anglo-saxões para sintetizar esse objetivo é o *recovery*, no contexto brasileiro temos falado de modo psicossocial, de reabilitação psicossocial, ou de clínica ampliada e compartilhada, entre outros. (Campos, Onocko-Campos, Del Barrio, 2013, p. 2802).

*

Encontro o Homem Divi-dido pelo Rio/Lago na Feira do Livro de Porto Alegre. O dia estava chuvoso. Ambos estávamos com guarda-chuvas. Hoje, ele estava visivelmente diferente: estava com a barba crescida. O Homem Divi-dido pelo Rio/Lago costumava deixar a barba aparada, talvez para evitar que tivesse a possibilidade de expressar sua ansiedade arrancando os fios da barba. Quais outras mudanças estariam me esperando hoje? Mais surpresas me aguardavam.

Percorremos a exposição e, ele me fala de uma grande mudança ocorrida em sua vida, essa semana. Diz que conversando com seu psiquiatra, eles acordaram que ele parasse de tomar medicação (dezessete comprimidos). Era uma demanda antiga dele, acreditava que não precisasse mais tomar remédios. Esse era um tema recorrente dele: perguntava a minha opinião. Queria saber se fosse eu, como agiria. Situação difícil em que ele me colocava. Como ser a favor ou contra, sem uma conversa prévia com o médico. Digo a ele que essa conversa era dele e de seu médico, era uma situação referente à vida dele. Os dois deveriam encontrar uma solução de comum acordo.

Hoje, então, ele diz que parara de tomar medicação. Quer comemorar. Quer ir a um local que eu frequentasse, um lugar que fosse significativo para mim. Quer tomar alguma bebida com álcool, já que devido ao fato de tomar remédios, não bebe há muito tempo. Assim, tinha de tomar uma decisão naquele momento. Seria verdade que o médico tinha autorizado a parada da medicação? Quais as consequências se isso fosse mentira? Por outro lado, se não aceitasse seu pedido, como isso refletiria em nossa relação?

Decido bancar seu desejo. Afinal, ele tomara uma decisão. Queria comemorar. Assumo o risco do que poderia acontecer. Caminhamos até a Cidade Baixa. Andamos na chuva, embora tivéssemos como nos proteger. A impressão é que ele quer estar em contato consigo mesmo e com a natureza. No bar ele pede um energético, algo para comermos, e nas idas e vindas de Úrsula, a garçonete, a paquera... Ele está radiante. O Homem Divi-dido aparenta estar seguro de si, satisfeito com suas decisões. Nosso encontro se estende até o início da madrugada, parece que ele quer prolongar esse momento. Teria eu possibilitado a ele a segurança necessária para que ele ousasse algo novo em sua vida? Teria eu contribuído para que ele tivesse segurança para “cantar” a garçonete e arriscar-se ser rejeitado sem sofrimento? O que pode um at?

*

Noutro dia, ele ao conversarmos pelo telefone, refere-se a mim como seu amigo. Não mais o psicólogo que o atende pela cidade. Mas o amigo. Pela primeira vez, sinto no corpo algo que é muito valorizado na clínica do AT, por seu poder de mobilizar um evento inédito: a amizade. Eu era o amigo dele, aquele capaz de sustentar algumas escolhas suas. Palombini, nos fala sobre essa forma especial de amizade:

A experiência do AT, com efeito, apenas pode realizar-se se alia a atitude própria à *flânerie* ao que aqui propomos chamar de o exercício da amizade. No entanto, o que se designa por amizade, nesse contexto, escapa ao modo como esta é concebida pelo senso comum ou em textos filosóficos consagrados sobre o assunto. A forma da amizade que pode servir à experiência do AT não é aquela, vivida na esfera da intimidade e das identificações, que iguala o amigo ao irmão, ao semelhante, espelho da alma do outro; ao contrário, é como diferença, distância, assimetria – sem recusa à solidão imanente à incomensurabilidade entre o eu e o outro – que a amizade faz-se presente à dinâmica do acompanhamento, numa agonística que, pondo em questão certezas e crenças, incita à transformação e inventa formas não prescritas de existência. (Palombini, 2009, p. 301).

*

O Homem Divi-dido em outro encontro, diz que fizera aniversário. Relata que a mãe conversara com ele, desejando-lhe felicidades. Pergunto como fora para ele conversar com ela, já que eles pouco se falam. Ele consegue falar de modo menos sofrido dela, pois tem uma visão ideal da mãe. Seu desejo de como gostaria que a mãe fosse, diverge da mãe real. Em outras conversas, a mágoa em sua fala era muito grande. Hoje, falava dela de modo assertivo, diz que não concordava com sua falta de afetividade, mas essa era a sua mãe. O que pode um at sustentar?

*

Sinto Mauro que essa carta deva chegar ao fim. Teria conseguido te oferecer algo de novo a ser incorporado ao teu mapa e, assim contribuir no teu objetivo de conseguir apreender o mundo completamente? E que lições para mim, e que contribuições teria a tirar dessa experiência para o meu trabalho de conclusão de residência (TCR)?

*

Caro Mauro, creio que possas incluir em teu mapa a palavra **AMIZADE** como o reflexo do que experimentei nesse campo da residência. Mas, não a amizade associada ao senso comum - uma relação entre pessoas iguais, que

têm visões de mundo, gostos, afinidades afins. A Amizade que te falo é aquela em que a assimetria e a diferença estejam postas.

Amizade vivida circulando pela cidade com o Homem Divi-dido pelo Rio/Lago (não deveria nesse momento nominá-lo de forma diferente?), em busca de respostas para suas dúvidas. Respostas que eu também não tinha, e talvez por não tê-las nossa relação se estabelecera, e a amizade pode surgir, por estar ao seu lado, e não colocar-me no lugar de um saber.

Amizade vivida também quase sempre no quarto da Mulher-que-não-era Andarilha. Nunca impondo minha presença a ela, deixando-me levar pelo desejo dela. Muitas vezes, ela me perguntava o que eu viera fazer ali. Era para interná-la? Nossa amizade foi atravessada por momentos de mais completa cumplicidade, por outros em que ela sentia-se como se eu fosse o agente de sua próxima internação. Ir ao seu encontro, todas as semanas, sem saber o que me esperava, se ela gostaria de falar comigo, se ela estaria lá... foi instigante e desafiador.

Mauro, como vês, por essas duas experiências debes inserir a Amizade em seu mapa. Afinal, não seria por isso que conversáramos através dessas cartas?



As cidades e o entre

Carta IX - Ailíram

Caro Mauro, ao escrever as outras cartas pensara se te falaria sobre minha experiência em Ailíram. Esse evento aconteceu antes de minha chegada a Porto Alegre. Vivi lá, de 25 de fevereiro de 2012 até 05 de março de 2013. Foram sensações muito intensas, sejam as vividas no mundo do trabalho, sejam as acadêmicas. Porém, tal qual o vivido em Valdrada, era difícil expressar em palavras essas sensações. Depois, acreditara ser importante falar de minha experiência lá, mas não sabia em que ponto colocá-la nessa minha escrita. Deveria ser por ordem cronológica e, vir antes das quatro cidades representantes da residência RISMC, ou poderia estar em outro local? Acabo por escolher deslocá-la para o final, talvez pela intensidade do experimentado naquela cidade. Em conversa com a portadora dessas cartas para ti, digo da necessidade de falar de minhas vivências e das interações ocorridas naquela cidade. Meu sentimento é de responsabilidade com as pessoas que estabelecera relações afetivas desta cidade. Poder ser capaz de expressar suas indignações com o que vivenciaram em situações tão extremas. Esqueci-me Mauro, essa cidade também eu não encontrara representação no livro de Calvino. A realidade quase sempre supera a ficção.

Em Ailíram, vive o grupo da Urgência, que necessita de informações precisas, quando são procuradas por pessoas pedindo ajuda. Eles só valorizam o que possa ser mensurado, medido, contado. Qualquer outra forma de informação é desprezada, desvalorizada. Esse olhar pode ser o ideal para a saúde dos que precisam de cuidado, se o motivo da procura envolver risco de vida. Porém, nem sempre quem busca ajuda tem uma necessidade objetiva de saúde. Muitas vezes o que as pessoas procuram é um pouco de atenção, de poderem expressar suas dores, que além de um grau de objetividade, tem um grau de subjetividade. Isso causa irritação aos profissionais da Urgência. Para eles, isso é uma afronta pessoal. Consideram-se desrespeitados. Dizem que o lugar dessas pessoas não é ali, na Urgência. Não posso discordar disso. Porém, isso não lhes dá o direito de destratar quem os procuram de forma equivocada. Claro, Mauro que estou generalizando, nem todos se comportam dessa forma. Isso só é representativo para digamos 90% de seus habitantes... Como vês Mauro, ainda há esperança para que um dia aconteça uma revolução e a haja uma mudança por lá.



Um dos locais da Urgência

*

Histórias Urgentes

Véspera de natal. O grupo de Humanização vai ao Pronto-Socorro realizar uma ação de “humanização”. Do grupo fazem parte um Papai Noel e uma Mamãe Noel, mais um coral. Ao chegar à Emergência agrupam-se e começam a cantar músicas natalinas. As músicas falam de frio, neve, bem em sintonia com o sertão paulista... Enquanto isso, pessoas acumulam-se em macas (os leitos virtuais), ao longo dos corredores da emergência, esperando alguma notícia sobre sua situação de saúde. Ao lado das macas, algum acompanhante espera notícias sobre o estado de saúde de seu acompanhado. Muitos passam horas sem qualquer informação, especialmente se dão o azar de chegarem quando o plantão está sendo trocado. Acompanho o grupo de Humanização nessa ação. Acabo de ser incorporado a esse local da cidade. Sinto como se apenas eu observasse como essa cena é desrespeitosa com as pessoas que aí estão. Não seria melhor tentar resolver o problema que as trouxe até ali, para só depois “humanizá-las”? Minha reação a isso é fazer algo nesse sentido. Olho ao redor e vejo uma mulher aflita, chorando. Sua aparência é angustiada. A impressão é de que espera há horas, de pé, ao lado da mãe. Não me contendo. Procuro fazer algo para diminuir seu sofrimento. Saio à procura de uma cadeira. Acho-a, e a entrego a mulher que agradece pelo meu gesto. Chorando. O que poderia a Psicologia na Urgência?



Os Leitos “Virtuais”

*

Cena 1. Locação: sala de acolhimento com classificação de risco.
Personagens: enfermeira, paciente.

Enf.: Bom dia, eu sou da enfermagem, vamos verificar primeiro seus sinais vitais e depois você passa no médico, tudo bem?

P: Tudo bem.

E.: O que você está sentindo?

P.: Queimação no pé da barriga, dificuldade para engolir, falta de ar, não estou conseguindo me alimentar...

E.: Quando começaram estes sintomas?

P.: Faz tempo...

E.: (impaciente)**QUANDO COMEÇOU?**

P.: Há uns seis meses... fui ao médico que disse que eu tinha gastrite... que tinha causa nervosa.

E.: (olha como se fosse outro caso de piti) **PASSOU NERVOSO ?**

P.: Não, hoje não.

E.: Bom vou verificar sua pressão e mais algumas coisas... Hum, pressão 12x8, frequência cardíaca 80, oxigenação 99%. Está tudo normal, você procurou o postinho?

P.: Não tem médico no meu posto.

E.: Como está tudo bem com você, deve demorar seu atendimento, hoje está cheio e as pessoas são atendidas de acordo com sua gravidade.

P.: Mas eu tô com muita falta de ar e minha barriga tá doendo muito também...

E.: (impaciente) Você está respirando melhor do que eu! **O oxímetro é uma tecnologia complexa!** Não está faltando ar para você!

E.: Leva a fichinha na janelinha pra tirar pro médico tá! E aproveita e conversa com o psicólogo, você vai achar ele fácil, é um velho de óculos.

Cena 2. Local: Saguão/Sala. Personagens: Paciente e Psicólogo.

Pac.: Olá, você é quem é o psicólogo?

Psi.: Sim.

Pac.: A enfermeira pediu que eu falasse com você.

Psi.: O que está acontecendo? Você está irritada por quê?

Pac.: Me disseram que eu não tenho nada!!!! E estou com falta de ar e uma dor imensa na barriga!

Psi.: Então, qual é o seu nome?

Pac.: Maria.

Psi.: Maria, tudo bem? Vamos procurar uma sala (dirige-se ao corredor e fica surpreso ao encontrar uma sala livre). Sente-se. Fique tranquila e a vontade para expressar o que quiser, tudo o que conversarmos ficara entre nós. O que está acontecendo?

Pac.: Vim aqui porque estava me sentindo mal e me desqualificaram!

Psi.: O que você está sentindo?

Pac.: Falta de ar, dor no pé da barriga, não consigo me alimentar porque estou com dificuldade de engolir.

Psi.: Quando começaram esses sintomas?

Pac.: Há uns seis meses, um médico me disse que tenho gastrite nervosa.

Psi.: Alguma coisa tem te perturbado?

Pac.: ...

Psi.: Sabe as vezes queremos colocar sentimentos em palavras mas não conseguimos. Você se lembra quando começaram esses desconfortos?

Psi.: O que está difícil de engolir?

Pac.: Me lembro que tive de socorrer meu sogro. Um amigo de meu marido nos acompanhou. Nesse dia passamos o dia inteiro pra cima e pra baixo tentando internar ele. Não sei o que aconteceu... mas o amigo do meu marido me elogiou, disse que eu era muito corajosa, que gostaria de ter uma mulher assim ao seu lado...

Psi.: Você disse que tem gastrite nervosa, como ficou sabendo disso?

Pac.: Estava com dor de estômago, consegui agendar um especialista, ele fez exames e disse que minha gastrite tinha fundo nervoso.

Psi.: Estava acontecendo alguma coisa com você?

Pac.: Dificuldades no meu casamento. Tinha dor no momento do sexo. Meu marido é muito compreensivo, não sei o porquê isso acontece, inclusive fiz acompanhamento psicológico por pouco tempo. Falando agora, queria contar algo que está me perturbando: naquele dia que cuidei do meu sogro aconteceu algo estranho... parecia que não era eu... fiquei excitada com os elogios do amigo de meu marido... não aconteceu nada... não quis trair meu marido... mas meu corpo me traiu... pedi a Deus pra tirar isso da minha cabeça, mas não passa...

Psi.: Maria, você teve uma reação física a essa proximidade com o amigo de seu marido. Ele te elogiou e acabou despertando uma reação que você não imaginava possível, pois estava tendo dificuldades com seu marido... saiba que o nosso corpo às vezes tem reações que nós não controlamos, mas isso não significa que você esteja traindo seu marido, apenas que algumas coisas do seu mundo interno precisam ser compreendidas e talvez para isso você precise de atendimento psicológico para abordar estas questões. Mas não vamos descartar problemas físicos, portanto acho interessante que você passe pelo médico.

Pac.: Sabe agora depois de ter falado sobre isso... parece que estou conseguindo respirar melhor... estou mais aliviada, a dor diminuiu.

Psi.: Então procure seu postinho e diga que esteve aqui hoje e conversou comigo. Vou registrar o atendimento na ficha e ela vai para o posto.

Pac.: Obrigada pela atenção e desculpa por qualquer coisa.

*

É recorrente nas Urgências, um tipo de usuária que é ridicularizada: as pitizentas, as alcunhadas de DNV (doenças neuro-vegetativas), pessoas que não tem nada e vem aqui encher o saco... Infalível é o olhar majoritário da Saúde acerca delas: quando elas chegam “desmaiadas” trazidas pelo resgate a primeira avaliação, quase sempre é feita no corredor mesmo, em tom de piada. A “profissional” da saúde, chama pelo nome a usuária, e ao mesmo tempo diz o que irá fazer. Pega um dos braços, eleva-o até a altura do rosto e larga-o. Quando a mão não cai sobre o rosto (a maioria das vezes), a usuária é ridicularizada ainda mais. Brigou com o marido de novo? Dona Maria para de atrapalhar nosso serviço! Estranho que hoje, as histéricas hoje são invisíveis...

Não, elas não devem ser atendidas primeiro... Para isso existe o Acolhimento com Avaliação e Classificação de Risco. Segundo a cartilha do Ministério da Saúde, Acolhimento com Avaliação e Classificação de Risco: um Paradigma Ético-Estético-Político no fazer em Saúde, é definida como:

A Classificação de Risco é um processo dinâmico de identificação dos pacientes que necessitam de tratamento imediato, de acordo com o potencial de risco, agravos à saúde ou grau de sofrimento. Com a crescente demanda e procura dos serviços de Urgência e Emergência, observou-se um enorme fluxo de “circulação desordenada” dos usuários nas portas do Pronto-Socorro, tornando-se necessária a reorganização do processo de trabalho deste serviço de saúde de forma a atender os diferentes graus de especificidade e resolutividade na assistência realizada aos agravos agudos de forma que a assistência prestada fosse de acordo com os graus de necessidade ou sofrimento e não mais impessoal e por ordem de chegada. (M. S., 2004, p.20)

Mas, precisam ser ouvidas. Ter sua queixa resignificada. Uma intervenção pontual, por um profissional da saúde, minimamente sintonizado com a Política Nacional de Humanização (PNH), no momento certo, poderia iniciar um processo de cuidado para essa dor não mensurável e, assim romper o ciclo vicioso de busca de atendimento nas crises. Lições que Rosana Onocko - Campos esclarece:

Se não formos capazes de oferecer uma escuta que provoque dúvidas, que responsabilize, que implique essas mulheres com seus próprios sintomas, acabaremos oferecendo o alibi para a cronificação, muitas vezes em forma de remédios. Precisamos pensar, recriar e inventar novas formas de acesso a essa escuta que nos ensinou Freud. A escuta da suspeita, do simbólico, da falha ou do branco na linguagem... Uma intervenção no momento da queixa que possa “organizar” uma demanda aí onde aparecem somente sintomas soltos (e isso impõe estar

presente ali na hora certa, não um mês depois!). (Onocko-Campos, 2012. p.134).

*

Acolhimento com Classificação de Risco

É Urgente!

É Urgente Acolher.

É Urgente Ouvir.

É Urgente Respeitar.

É Urgente!

É Urgente Acolher com Respeito.

É Urgente Saber Ouvir.

É Urgente Respeitar o que é Dito.

É Urgente!

É Urgente Acolher as Pessoas.

É Urgente saber entender a Queixa.

É Urgente Respeitar os Motivos das Pessoas.

É Urgente!

É Urgente deixar os Preconceitos de Lado.

É Urgente Ter Compaixão pelos Semelhantes!

É URGENTE CLASSIFICAR SEM DESQUALIFICAR!

É Urgente!

É Urgente colocar os ditames do SUS em Prática!

É Urgente executar o que se Sabe!

É Urgente Trabalhar em Equipe!

É URGENTE!

É URGENTE!

É URGENTE!

*

Só podemos concordar com Cecílio, quando ele analisa a “invasão” de usuários aos serviços de urgência. Segundo ele, “fazer juízo de valor sobre essa população não leva a nada” (p. 475). Presenciei muitas vezes os usuários ser desqualificados por não “saberem” onde deveriam buscar ser atendidos. Num pronto atendimento, situado num bairro industrial da cidade de Ailíram, o usuário era inquirido do porque ir até lá e não na atenção básica. Parece que os profissionais ignoram a crônica falta de médicos, horário inadequado ao atendimento da população. Ainda Cecílio lança mais luz sobre isso:

Na prática, aqueles que dependem exclusivamente do SUS – algo em torno de 80% da população – têm de montar o seu “menu” de serviços, por sua conta e risco, buscando onde for possível o atendimento de que necessita. Daí ser uma prepotência “tecnocrática” dizer que o “povão” é deseducado, que vai ao pronto-socorro quando poderia estar indo ao centro de saúde. As pessoas acessam o sistema por onde é mais fácil ou possível. (Cecílio, 2007, p. 472)

*

A mulher chega trazida pelo Samu. Está acompanhada de uma amiga. Seu filho morreu afogado há três dias. Ele estava comemorando seu aniversário numa lagoa, quando três crianças começaram a se afogar. Ele salva as três crianças, porém acaba morrendo afogado. Sua mãe ficou em choque. Isolara-se. Seus amigos e parentes ficaram preocupados com o comportamento dela. Quando o marido a abandonou, tivera uma crise nervosa e tentara se matar.

Chamaram o Samu e agora aguardavam serem atendidas. Na sala de acolhimento com classificação de risco a “colega” ordena ao “colega” da psicologia que avalie a paciente, coisa que é atribuição da enfermagem. Mas, pensando na mulher vou até ela e tento conversar. A mulher está chorando e não responde pergunta alguma. Quem dá informações é a amiga. Assim, fico sabendo do que ocorrera.

Por sorte uma médica, recém-formada, chega logo para atendê-la. A paciente está com a pressão muito alta. A médica diz que irá medicá-la. A paciente recusa-se. Diz que prefere morrer. A jovem médica irrita-se e vai embora. Procuo intermediar a situação. Depois de muito tempo Ana começa a falar do filho. Do quanto ele era tudo para ela, que sem ele a vida não tinha sentido. Por fim, aceita ser medicada. Agora tinha de vencer a resistência da médica, que saíra contrariada. Converso com a médica. Após algum tempo ela acaba prescrevendo medicação para Ana. Depois, enquanto Ana era

medicada, fala do filho. Intercalava a fala com choro. Estava com um objeto do filho. Diz que tem o cheiro dele. É recorrente em dizer que agora a vida não tem mais sentido. Como Deus foi levar seu filho. Como o filho a abandonara. O que o psicólogo poderia dizer para aliviar essa dor? Lya Luft já falara dessa impossibilidade:

Não digam que isso passa

Não digam que a vida continua, que o tempo ajuda,

Que afinal tenho filhos e amigos e um trabalho a fazer

-- pois de tudo isso eu sei.

Não me consolem dizendo que ele morreu cedo

Mas morreu bem

(“quem não quereria uma morte como essa?”)

Não digam que tenho livros a escrever

E viagens a realizar.

Não digam nada.

Pois eu vejo que o sol continua nascendo

Aqui aonde vim lamber minha ferida aberta.

(Mas não me consolem:

da minha dor, sei eu.) (Luft, 1988, p.41)

Ana continuava agarrada ao objeto que representava agora o filho possível. Era uma toalha. Procuo contrariar a poesia e tentar dizer algo que alivie a dor de Ana. Detenho meu olhar para a toalha. Tento me afastar um pouco da dor de Ana, e da minha impotência... Talvez fosse uma forma de proteger-me da sua dor. Mas, acabo descobrindo que a toalha possuía uma escrita que possibilitaria um manejo para a situação. A invenção talvez não seja a maior ferramenta da psicologia na Urgência?

- Ana você diz que seu filho te abandonou. Mas, ele te deixou um recado.

.....

- Ele te deixou um recado, você não percebeu?

.....

- Olhe o que está escrito na toalha de seu filho!

Ana para de chorar. Observa a toalha e lê o que está escrito. A toalha tem o símbolo de um clube de futebol: o do Corinthians. Abaixo dele lê-se a inscrição:

EU NUNCA VOU TE ABANDONAR

Ela para de chorar. Fica calada. Nunca saberia qual foi o resultado de minha intervenção. Angústias da urgência... O que poderia um psicólogo na Urgência?

*



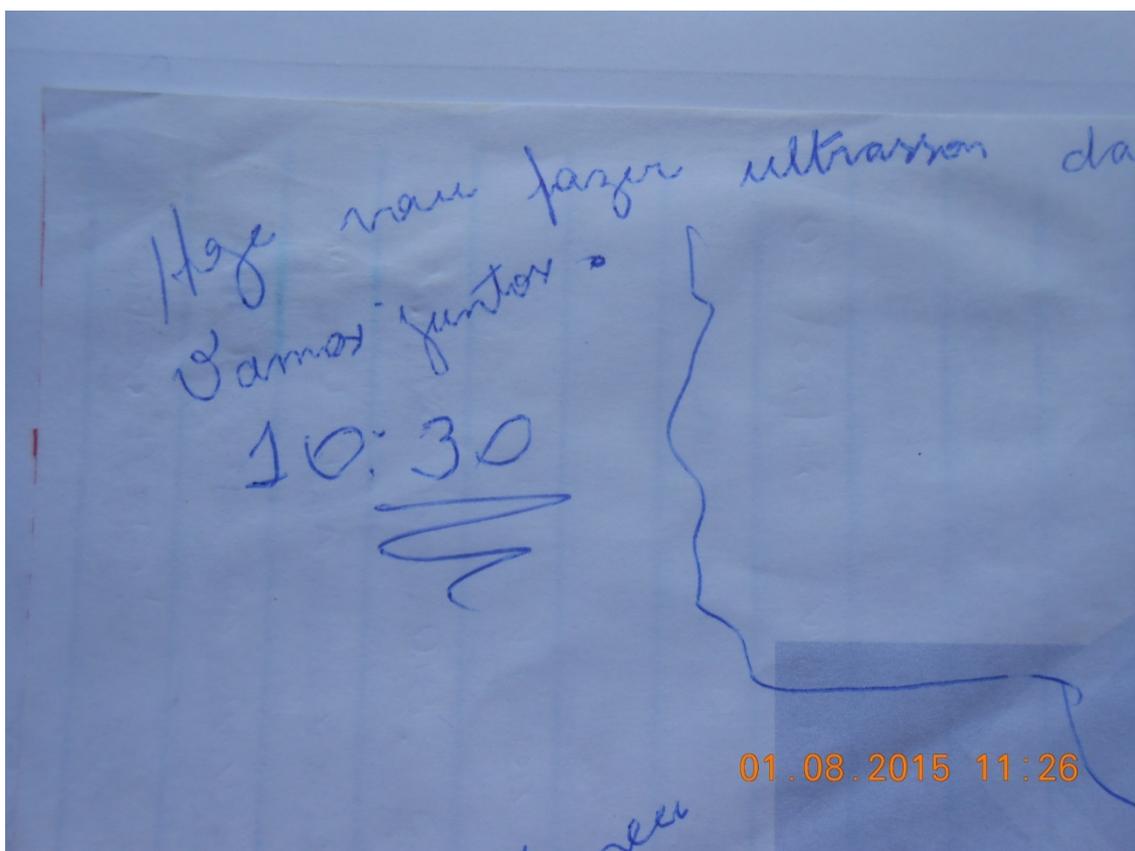
Desenho de Beatriz, uma menina de cinco anos, que vem trazida pela família até mim, para que avalie se ela apresenta algum sofrimento psíquico por ter presenciado o padrasto ser esfaqueado pelo irmão. Ela ao final da sessão, num último desenho, representa-me (primeira figura à esquerda) ao seu lado.

*

Chegamos juntos à UTI/A. Eu e Sandra. Eu fazendo parte da equipe de profissionais, ela como paciente. Cada qual com uma tarefa a cumprir. Ainda não sabíamos quão intensos e marcantes seriam aqueles dias. Foram quase sete semanas de convivência, onde ela me escolheu para estar ao seu lado.

Sim fui escolhido, tive esse privilégio. Não o psicólogo, mas aquele que deixou seu corpo ser afetado por essa experiência.

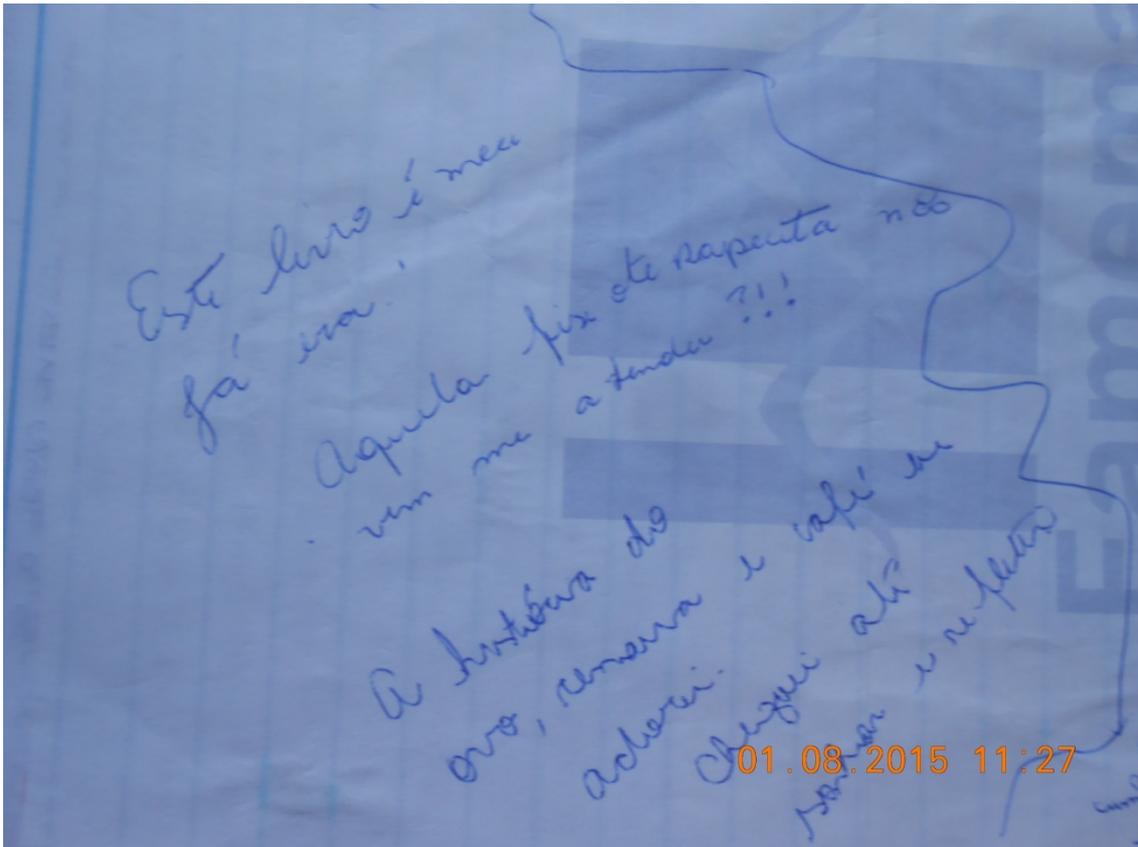
O que nos esperava no ambiente da UTI, nada parecia com o preconizado para esse local: o ar condicionado estava quebrado. As janelas estavam abertas, pois o calor era grande. O ambiente estéril tinha a presença de moscas. Sandra estava abanando-se com um pedaço de papelão. Acabo abando Sandra para ajudá-la. O que poderia fazer um psicólogo na UTI?



Um pedido de acompanhamento

*

Ela acabara de ser operada. O diagnóstico escrito em sua prancheta: **PO DE SARCOMA DE RETROPERITÔNIO**. Não conhecia o que estava por trás dessa expressão. Era a décima operação de um câncer muito agressivo que ela fazia. Dez anos lutando pela vida, um terço dela às voltas com a medicina e a falta de saúde. O mais surpreendente foi que no início de seu tratamento, submeteu-se a medicação aversiva e radiação. Esse tipo de câncer faz crescer uma massa no abdômen muito expressiva. Quando foi operada a primeira vez, para retirar cirurgicamente essa massa, descobriu-se que, abaixo dela, havia uma criança! Que meses depois nasceria saudável!



Respostas a minhas intervenções

*

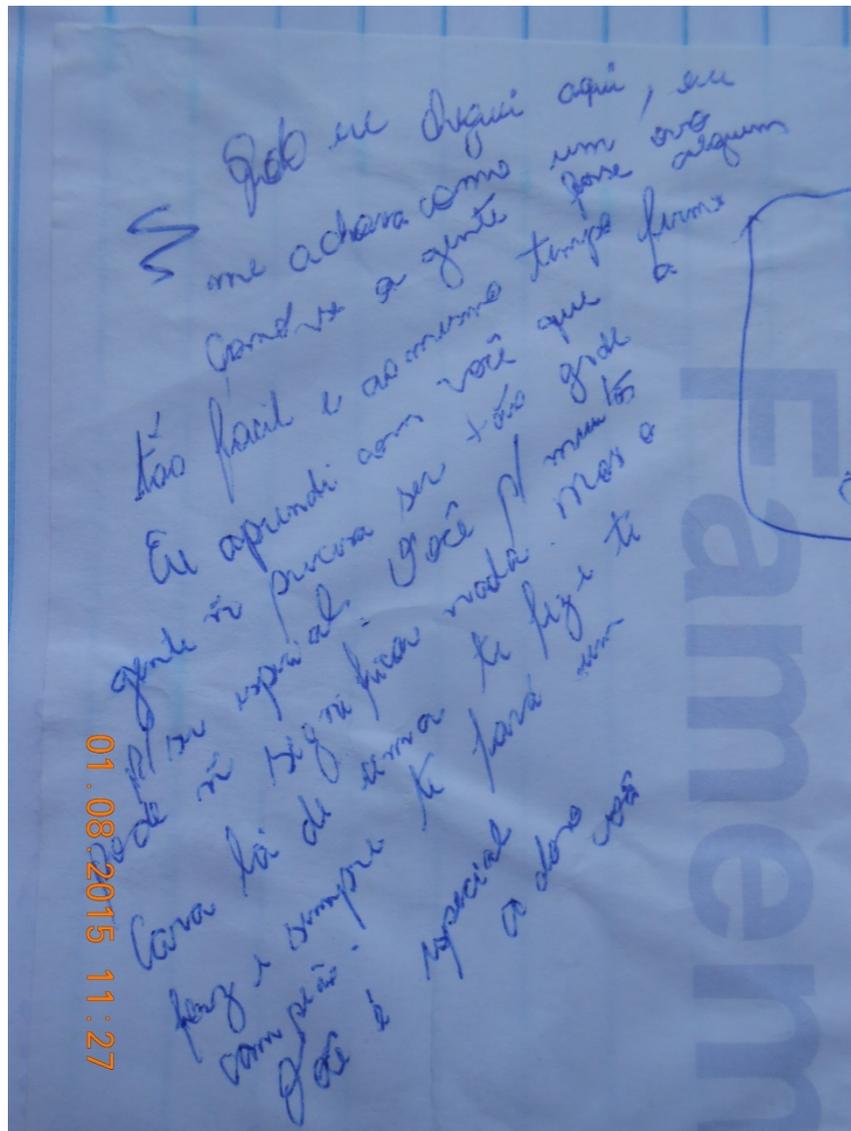
Nossa relação, minha e de Sandra, foi pautada pela amizade. Um amigo que tinha possibilidade de ficar ali com ela, quando na maior parte do tempo, ela não podia estar com alguém com quem tivesse relações afetivas. Isso ocorria em breves momentos, quando recebia a visita da família: marido, filho, mãe... Eu acabei sendo referência também de suas dúvidas sobre sua saúde. Sandra era uma paciente que demandava atenção e, pedia informações sobre o que sentia, do porque um determinado aparelho começava a emitir um sinal sonoro... Mas, com o tempo sua saúde foi piorando. Foi cogitado uma nova operação, mas ela acaba sendo descartada. Com o progresso da doença, ela sofre uma traqueostomia e, depois é entubada. Dessa forma passamos a nos comunicar de forma escrita (as fotos reproduzem algumas conversas).

*

Lembro-me de um dia marcante. Durante a visita médica, no período da manhã, num momento, em que a medicina já não via que fosse possível fazer algo que pudesse deter o avanço do câncer, o médico chefe ao observar que Sandra continuava atenta e querendo saber de seu estado de saúde, vira-se para o grupo que o acompanhava (cerca de dez pessoas), e diz:

- Ela está MUITO consciente. Vamos começar um protocolo para melhorar o conforto dela. E, pede que a residente médica introduza dois novos medicamentos: MIDAZOLAN e FENTANIL. Depois iria pesquisar e descobriria que se iniciaria os cuidados paliativos. Ela passaria a ficar sedada o tempo todo. O que pode o psicólogo na Urgência? Sandra iria receber a visita do filho no próximo dia. O que fazer? Como ser o amigo dela e não tentar intermediar a última visita do filho e da família, sem comprometer meu compromisso ético de não divulgar informação restrita aos profissionais da Urgência? Consulto minha referência da psicologia. Recebo o aval para contatar a família e propor a visita antes da sedação, sem porém revelar o motivo. Nesse dia, fico de plantão à noite, quando ocorreria a visita. João, filho de Sandra, parecia ter a mesma força da mãe. Um garoto que só tivera relação com a mãe mediada pela doença. Com minha atuação possibilitei a última visita da família com Sandra consciente. A pergunta reverbera: o que pode o psicólogo na Urgência?

*



Notas de Sandra

*

Agora, com Sandra sedada, minha ação principal era com a família. Já nos tornáramos próximos, mas essa relação se aprofundaria ainda mais, pois o fim que nos aguardava, tornava-se cada vez mais previsível, embora não o desejássemos... Não, não deixei de falar com ela. Não deixei de falar com Sandra. Continuei a falar com ela. Curioso, as voltas que a vida dá... Quando em 2002, vi **Fale com Ela**, de **Almodòvar**, foi um momento transformador. Sai da sessão angustiado, com a garganta travada querendo falar e não conseguindo. A angustia do filme, da vida, e dos encontros possíveis.

*

Domingo de manhã. Ligação da mãe de Sandra. Ela me pergunta se eu sabia o que havia acontecido. Sandra tinha morrido. Penso no que fazer. Vou à Assis, onde ela morava. Visito a família e amigos no velório. Deve o psicólogo da Urgência se deixar mobilizar tanto? Dia seguinte, compartilho essa vivência com minha referência da psicologia e, ouço o esperado para Ailíram:

- Caruso, você deve saber separar seus conteúdos pessoais dos profissionais...

*

Mas, o que pode afinal o profissional da psicologia na Urgência? Quais são as demandas urgentes não ouvidas na Urgência? Quem poderia ajudar a responder essa questão? Recorro a Gastão Wagner Campos. Para ele, o eixo estruturante das práticas de saúde é a **Defesa da Vida**:

Defesa da vida deveria ser um traço distintivo dos serviços de saúde. Uma marca que os distinguisse dos estabelecimentos de comércio, de educação ou mesmo da área política. A especificidade, a diferença que mais falasse, que mais esclarecesse sobre a identidade dos profissionais da saúde. (Campos, 1997, p. 253)

*

Mauro, eu não sei se escolhi as histórias certas, se ao descrevê-las consegui passar a urgência que estavam associadas as mesmas... Não falei do jovem que conheci na UTI, que tivera dificuldades com o “desmame” (procedimento de desentubação, que causa muita angústia e medo ao respirar sozinho); do homem que caiu do telhado e ficou tetraplégico; dos dois casos de pessoas acometidas da síndrome de Guillian-Barré; do pedreiro atendido no PA/Norte (Pronto Atendimento), que vinha com uma queixa de cansaço e, ouvindo-o mais atentamente, acabei percebendo um grave risco de suicídio latente, e ele acabou sendo atendido na Urgência psiquiátrica por minha escuta; da mulher que fazia regime de água...; da mulher que veio até o PA e

que tinha queixa de dor no peito e, história de problemas emocionais, mas nem por isso sua queixa foi desprezada e, foi para o hospital e, lá teve um AVC (Acidente Vascular Cerebral). Uma das boas interlocuções minhas com médicos e a medicina. Do jovem que buscava explicações para seus medos, depois que um primo morrera rapidamente devido a um câncer. Da jovem com visões, filha de um relacionamento entre sua mãe e seu avô, que era “macumbeiro”... Do menino que subira numa árvore, durante uma briga num abrigo e, coube a mim arrumar uma “estratégia” psicológica que o tirasse de lá... E, como esquecer do último atendimento... No dia em que estava partindo de Ailíram para Porto Alegre, acompanhava a família de um homem que atirara na cabeça. O motivo? Sua cadela com quinze anos de idade morrera. Ele era uma pessoa muito “ruim” que gostava de maltratar pessoas e animais, foi o que me contaram. Com o tempo acaba sozinho, depressivo. Passa a beber. Acaba “humanizando” uma cadela. E ela acaba “humanizando-o”. Mas, quando ela morre, ele planeja matar-se. Um sobrinho foi visitá-lo e ele estava bêbado. Dá tiros para o ar. O sobrinho irritado, diz que seria melhor que ele morresse... À noite, o tio atira na cabeça. Atendo esse jovem. O que poderia dizer que o demoveria de atribuir a si o que ocorrera? O que pode o psicólogo na Urgência?

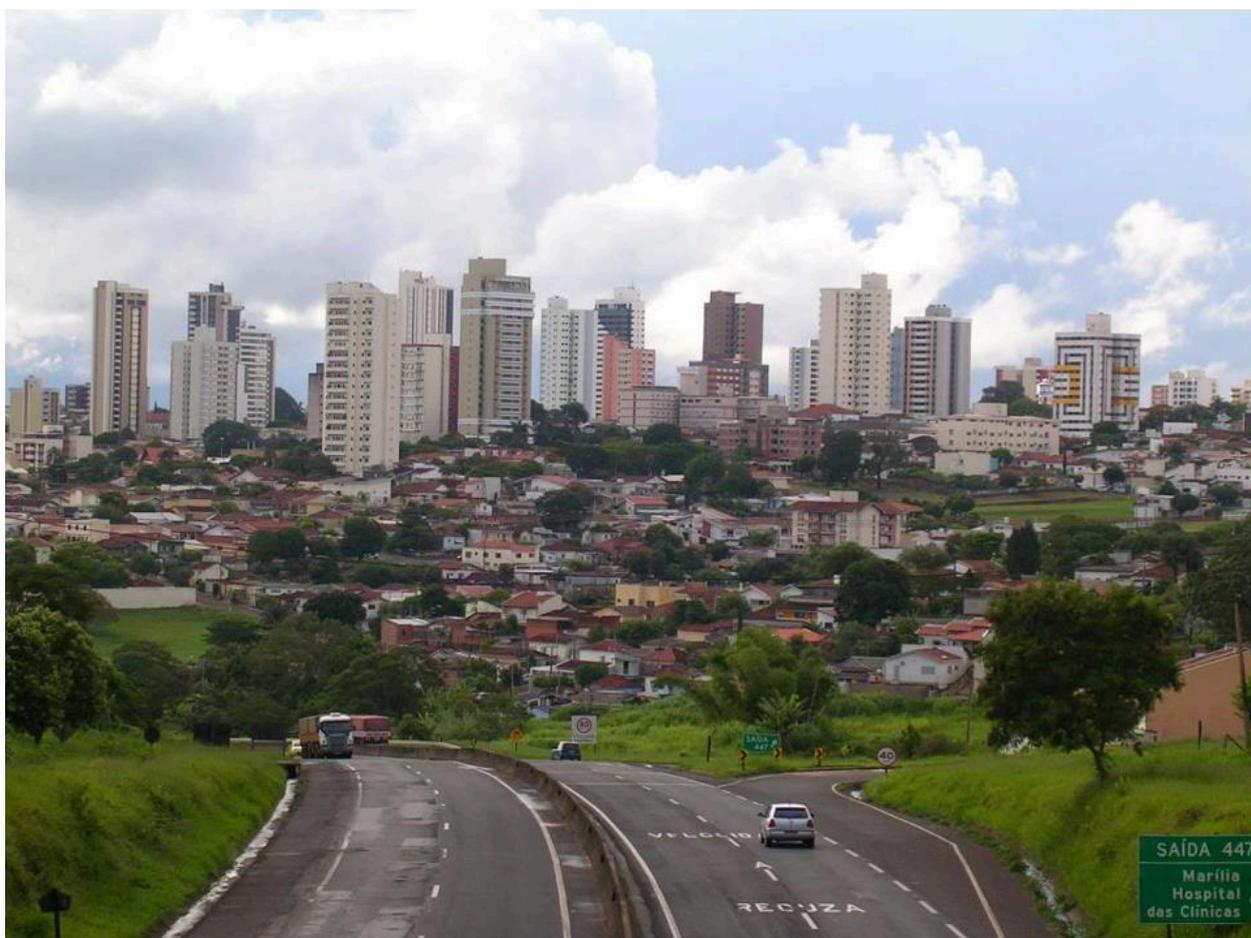
*

Até aqui Mauro, disse de meus desconfortos por ter compartilhado o cuidado em saúde, com profissionais que tinham uma visão muito distante do que me trouxera a exercê-la. No tópico acima, falei de uma interação com uma jovem médica. Mas, foram vários casos positivos. Infelizmente uma minoria... Tenho de falar da ACS (Agente Comunitária de Saúde) que fazia clínica ampliada e, não confundia orientação com controle, não impunha seus valores para os usuários em suas intervenções; do médico cadeirante que OUVIA as pessoas no PA/NORTE e, todos queriam ser atendidos por ele; da enfermeira chefe da UTI/A que partilhou comigo suas angústias de trabalhar numa instituição tão castradora; de alguns profissionais do Serviço Social; de algumas enfermeiras, especialmente uma das colegas da Urgência; da minha veterana da Psicologia, com quem dividi as dores do trabalho e da academia; de alguns profissionais do SAMU (Serviço Atendimento Móvel de Urgência) e dos Bombeiros, onde durante um período fiz plantão.

*

Nesse ponto, creio que devo encerrar essa carta. Penso que será bem difícil carregá-la. Já estou dando muito trabalho para minha amiga... Assim, acredito que o que devas inserir como fundamental em teu mapa e, deixar como contribuição dessa experiência para esse TCR, deva ser a **DEFESA DA VIDA**.

Aproximo-me do desenlace dessa escrita. Angustia-me de que a leitura desse texto, ao final, não tenha expressado meus sentimentos nos últimos três anos... Isso será o que tentarei resolver na derradeira carta.



Ailíram

Carta X - Viver no Interstício

Eu disse uma vez que escrever é uma maldição. Não me lembro por que exatamente eu o disse, e com sinceridade. Hoje repito: é uma maldição, mas uma maldição que salva. (Lispector, 2004, p. 179).

Caro, Mauro estamos chegando ao final de nossas conversas. Saio transformado dessa experiência (espero que tu, e teu mapa também!), nesses três anos de residência, onde procurara um método de aproximar-me do mundo do trabalho e, ao mesmo tempo, vivenciar múltiplos locais de inserção profissional. Uma única coisa deveria ser comum: um compromisso ético de exercer minha profissão da melhor forma possível, e buscar com meu olhar contribuir para que além de cuidado, o agir junto as pessoas pudesse provocar dúvidas, inflexões na forma de ver/estar o mundo. Porém, para alguém que acabara de se formar, e não tivera uma experiência profissional como psicólogo, foi um grande exercício de desconstrução como profissional “recém construído”. Atuar em equipe interdisciplinar, antes de constituir-me dentro da especialidade. Também importante, foram os tantos lugares e pessoas com as quais interagi. Nas supervisões do estágio de Silvio Yasui, era frequente que ele se sentisse orgulhoso de seus antigos estagiários da **UNESP**, por serem avaliados como “pessoas que faziam a diferença”, se destacavam por sua atuação. Essa era minha responsabilidade quando há três anos, comecei essa jornada.

Tentando dar um final satisfatório para essa escrita, busco inspiração em seu texto. De lá tiro essa citação:

Contemplando el mapa, empeizo a ver um retrato de mí mismo. En el pergamino se muestra toda la diversidad del mundo, ló mismo que esa diversidad se muestra dentro de mí. Se cierne alrededor de sus contornos, y también sobre mi cabeza, um aura de lajenía que aclara ló que veo. Tanto el mapa como yo nos aferramos a la invisibilidad de ló que representamos. Y la tensión que hay entre nosotros no es la de mí mismo y la de él, sino la fusión de ambas. El mapa y yo somos ló mismo. (Cowan, 1999, p. 73).

A pergunta que fica é se esse mapa terá alguma utilidade para ti, ou pensando na minha contribuição na residência, propiciará alguma contribuição positiva? Mauro, eu não sei responder. Na minha cabeça ficam reverberando várias perguntas:

Como construir um texto (assumidamente desconexo), que a cada carta adotou um formato, um de estilo, sem um referencial teórico caro à coordenação da residência? Onde estão Deleuze&Guatarri, Foucault, Rolnik, Benevides, Basaglia, Rotelli, Amarante, Costa-Rosa, Maturana&Varela? Como não falar da Reforma Psiquiátrica e seus embates?

Confesso Mauro que a Júlia instigou-me com várias leituras. Porém, ela deixou que eu fizesse minhas escolhas. Tenho em minha defesa que tudo que inseri como referencial teórico foi por tê-lo vivenciado plenamente. Noutras vezes, não coloquei uma determinada citação, por acreditar que o deixaria o texto muito acadêmico. Queria manter um tom informal, de conversa, confessional. Espero ter conseguido atingir esse objetivo.

Mas, Mauro, eu vejo que estou fazendo digressões e não estou concluindo... Assim, voltemos ao mapa e que contribuições eu procurei te dar. Minhas contribuições foram:

**EDUCAÇÃO PERMANENTE - ARTE - SURPRESA
OLHAR - DEFESA DA VIDA - AMIZADE - DÚVIDA
O QUE VOCÊ PRECISA PARA VIVER?**

Terei conseguido me representar nesse mapa, nesse meu percurso de construção como profissional da Saúde Mental Coletiva? Creio que sim. Embora, agora só consiga olhar as falhas, locais não explorados, autores não visitados...

Mas, penso que eu devas te falar sobre o título dessa carta. Quando pensara na escrita dela, sempre a via como uma síntese da escrita/processo de aprendizagem. Quando iniciara minhas conversas com a Júlia, e definira o formato do trabalho, ela me presenteara com a Bússola Juliana. Nele, aparece o interstício, esse espaço do “entre”, que sintetizaria o vivido.

He compuesto por fin el mundo. el monge que hay em mí ha intentado ir hasta el corazón mismo de las cosas. He cortado su materialidad. He retirado su piel corpórea para poner al descubierto su funcionamiento interior. Ningún hombre há trabajado más sinceramente que yo para que revelara su armonía interior. (...) Contemplando el mapa, empiezo a ver un retrato de mi mismo. En el pergamino se muestra toda le diversidad del mundo, lo mismo que esa diversidad se muestra dentro de mí. Se cierne alrededor de sus contornos, y también sobre mi cabeza, um aura de lejanía que aclara lo que veo. Tanto el mapa como yo nos aferramos a la invisibilidad de lo que representamos. Y la tensión que hay entre nosotros no es la de mi mismo y la de él, sino la fusión de ambas. El mapa y yo somos ló mismo. (Cowan, 1999, p. 73).

Como tu mesmo dizes no trecho que reproduzi: ***O mapa e eu somos os mesmos***. Como uma marca, uma tatuagem, um mapa de percurso, um modo de que pudessem me conhecer sem que eu tivesse que ser mediado pela palavra.

Assim gostaria de ser visto: como alguém que não precisa ser mediado por conceitos, referenciais teóricos, currículos, títulos... Mas, que pela atuação profissional, pelo compromisso ético, que eu pudesse “ser lido” como alguém

que passou pela **UNESP**, pela residência do **EducaSaúde** da **UFRGS**. Essa seria minha maior pretensão.

Quase Concluindo

Mas, agora irei partilhar contigo de uma paixão, que faz parte de minha caixa de ferramentas, método de síntese desse trabalho/correspondências. Falarei de um filme: **Viver**, de Akira Kurosawa.

Nele, logo no início do filme, ficamos sabendo que o personagem principal está gravemente doente. E irá morrer. Ele é descrito como alguém que vive por viver. Tem uma vida sem sentido. É um burocrata que “aposentou” seus sonhos na gaveta (numa cena ele abre uma gaveta, procurando por um papel para limpar o carimbo, acaba usando uma folha de um projeto antigo).



O Protagonista: Takashi Shimura

Ele está quase completando trinta anos de trabalho sem faltas. Porém, há tempos, apresenta fortes dores no estômago. Vai fazer uma consulta. Lá, Kurosawa constrói uma cena na sala de espera. Uma das pessoas presentes conversa com ele. Nessa conversa descreve sintomas e diagnósticos. O protagonista assusta-se, porque seus desconfortos estão relacionados a um câncer com poucos meses de vida, segundo seu interlocutor. Quando finalmente é chamado pelo médico, na consulta, o médico vai falar tudo que Watanabe (personagem de Shimura) já tinha ouvido. Agora, ele sabe que irá

morrer. Têm poucos meses de vida (numa entrevista com um dos roteiristas, ao falar sobre o argumento inicial de Kurosawa, ele descreve que Kurosawa lhe mostrou uma folha com uma linha escrita, onde é dito que o personagem principal têm setenta e cinco dias de vida...).

Mauro, não te impacientes. Bem sei que devas estar pensando aonde eu quero chegar. Peço que te acalmes. Olhe um pouco o Adriático, e volte ao texto, digo que logo essa digressão fará sentido.

Assim, ele procura pela família, que nesse ponto de sua vida resume-se ao filho, a nora e um irmão e a mulher dele. Como não construiu vínculos fortes, todos estão distantes afetivamente dele. Não consegue contar o que está acontecendo com ele.

Começa a faltar ao trabalho e a beber. Em suas andanças, encontra um poeta com quem consegue falar de seu problema. Mais à frente, interage com uma jovem que trabalhara com ele. Ela chama a sua atenção por sua alegria e espontaneidade. Quer saber como é ser como ela. Para sintetizar, ela dará a chave para ele conseguir encontrar um motivo que dê sentido a esses últimos dias de vida. Irá tomar para si a demanda de um grupo de mulheres que havia procurado a prefeitura, tentando urbanizar um terreno baldio, malcheiroso e que transmitia doenças para os moradores do bairro.



Vemos assim ele buscar realizar uma ação que desse sentido para esse final de vida. Kurosawa mostra as batalhas iniciais de Watanabe tentando vencer a burocracia. E, no meio do filme, o protagonista é morto pelos roteiristas... A segunda metade do filme é ambientado em seu velório.

A partir das falas dos participantes, em flashbacks ficamos sabendo o que aconteceu. Para eles não é claro o porquê da mudança de comportamento de Watanabe. À medida que o velório avança, bem como a ingestão de saque, eles e nós, descobrimos que Watanabe conseguiu terminar a urbanização do local, que foi transformado numa praça. Porém, a conclusão que chegam é a de que ele não foi tão fundamental para a realização desse projeto, já que era apenas um burocrata sem poder. Mas, com o decorrer do velório concluem que ele sabia que iria morrer logo e, tentara uma última ação que desse sentido a sua vida. No final do velório, já todos bêbados, todos dizem que irão mudar, seguindo o exemplo de Watanabe. No dia seguinte, Kurosawa ambienta uma cena na prefeitura, só para nos mostrar que eram só promessas vazias. Apenas um dos funcionários sente-se implicado com o ocorrido. A última cena mostra esse funcionário, observando a praça do alto de um viaduto. A câmera observa-o de longe. O último plano mostra esse funcionário caminhando. Saímos com a impressão que ele irá incorporar a vivência de Watanabe.



Agora Mauro, eu tentarei dar coesão a essa carta. Por que falar desse filme? Talvez, caro amigo por me ver representado no protagonista. Por vezes,

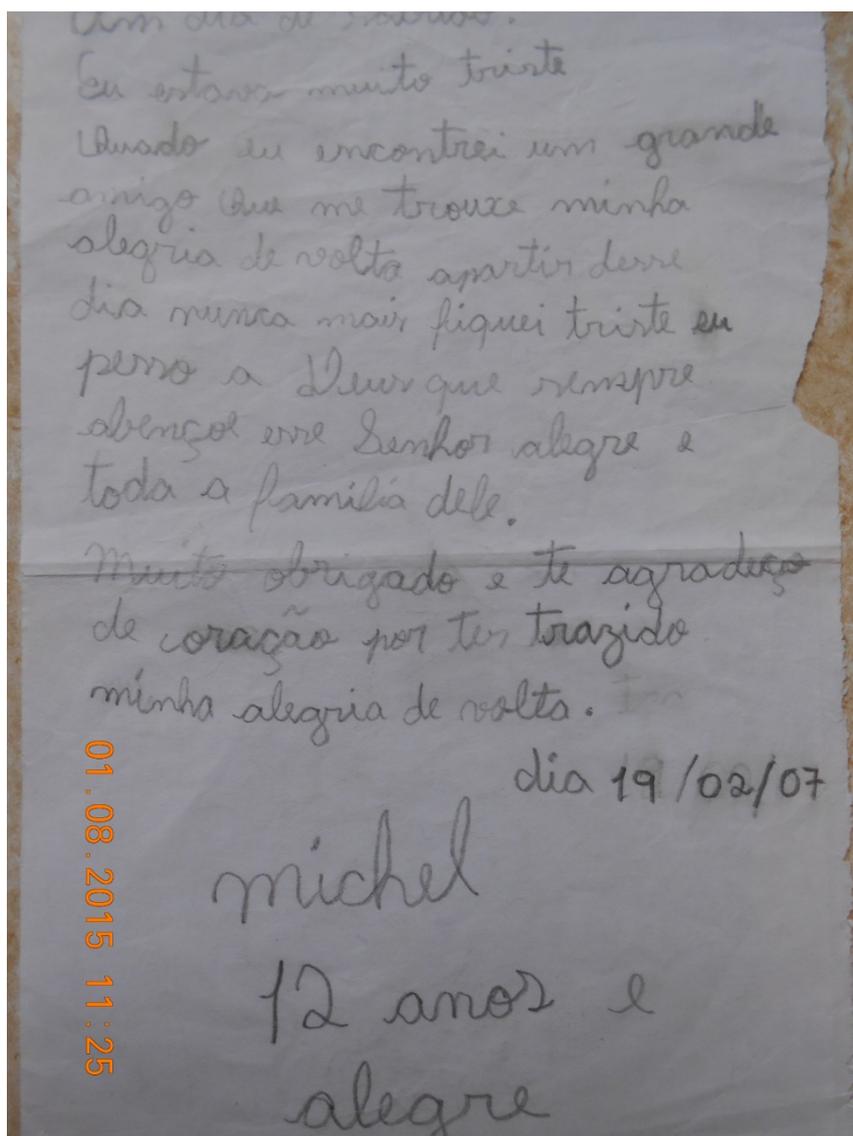
vejo profissionais trabalhando como máquinas, de forma mecânica, sem pensar mais... Penso que na vida, talvez não tenhamos quase ninguém observando nossa atuação. Faremos intervenções que não disporemos de notícias se foram resolutivas ou não. Conviveremos com outros profissionais que não buscarão um trabalho coletivo, interdisciplinar, criativo, capaz de produzir autonomia, capaz de produzir novas normas.

Mas, como realizá-lo se nós mesmos, não adotarmos esse olhar para nossas vidas? **O que você precisa para VIVER? Arte!** Do que não abrimos mão: da **Defesa da Vida**; da **Amizade** como capaz de produzir um encontro inédito; da **Surpresa** aliada à **Dúvida** capaz de não deixar nosso pensamento engessado; do **Olhar** como ferramenta de trabalho. Da potência da **Educação Permanente** para conseguir mudanças no trabalho.

Mauro, eu agora me despeço. Espero que sigas buscando completar teu mapa, que a essa altura, já considero nosso. Divido contigo para finalizar de algo muito pessoal. Uma carta que recebi quando começava minha viagem que me trouxe até aqui. Eu era voluntário de uma ONG chamada "**Viva e Deixe Viver**", na Santa Casa/SP. Teria de me desligar, pois estava indo para Assis, realizar minha graduação. Realizava uma visita semanal ao hospital. Lia para as crianças da unidade de ortopedia. No penúltimo dia, entro num quarto às escuras, iluminado apenas pela TV. Nele, um menino negro e sua mãe. Pessoas bem simples. Ele tinha machucado o joelho e estava no hospital há alguns dias. Aproximo-me e converso com ele. Pergunto se ele gostaria que eu lesse algo para ele. Com sua aquiescência começo a ler. Só aí me dou conta que ele já deveria saber ler, pois tinha doze anos. Rio da minha burrice e falo disso com Michel. Ele acaba rindo também. Procuo um estímulo mais adequado para sua idade e, ao ler uma história de Fernando Sabino, ele volta a rir. A mãe que observava calada não se contém:

- Nossa faz vinte e cinco dias que o Michel não ria!

Fico sabendo de como eles estavam há muitos dias tristes. Quando chegaram, ele corria o risco de perder a perna. Talvez, algum médico não foi muito hábil em falar com eles. Ao final, digo que ainda voltaria mais uma vez e, se ele estivesse lá voltaria para vê-lo. Isso ocorre. Passo pelo seu quarto e aviso que voltaria logo. Tenho que ir a outro quarto primeiro. Um quarto coletivo, com várias crianças. Acabo me demorando. A mãe de Michel me procura. Diz que ele tem um presente para mim. Eis Mauro o que recebo. Um de meus valiosos diplomas:



Lembrança do que me trouxe até aqui

Assim, Mauro, penso que, nós HUMANOS, estamos nos afastando de nós mesmos, de estarmos interligados ao mesmo tempo, conosco e com o Universo. Esse desconhecimento já é bem angustiante para um cidadão comum. Mas, se alguém, em algum ponto de sua vida, escolhe trabalhar na Saúde e, cuidar de pessoas, isso poderá disseminar seus dilemas, desconhecimentos. O que nos torna HUMANOS? Como buscamos ocupar nosso tempo, já que somos conhecedores de nossa finitude? Não precisamos de mais um conceito, nem de mais teorizações... Quem busca trabalhar na Saúde, mais que tudo, deve ter consciência de suas responsabilidades com as pessoas que acessam os serviços. Claro, é indispensável uma formação consistente. Mas, tão ou mais fundamental é saber o que se quer para a vida, que sentido dar a ela.

Caruso, Porto Alegre, 23/01/15

Referências Bibliográficas:

ALVAREZ, Johnny; PASSOS, Eduardo. Cartografar é habitar um território existencial (Pista7). In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia. Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre. Sulina, 2012.

ALMODÓVAR, Pedro Augustin. **Fale com ela**. 2002.

CALVINO, Italo. **As cidades invisíveis**. São Paulo. Companhia das Letras, 1972.

CAMPOS, Gastão Wagner de Souza. Subjetividade e administração de pessoal : considerações sobre modos de gerenciar o trabalho em equipe de saúde. In: **MERHY, E. E.; ONOCKO, R.(Org.). Agir em Saúde: um desafio para o público**. São Paulo. Hucitec. p. 229-266. 1997.

CAMPOS, Gastão Wagner de Souza; ONOCKO-CAMPOS, Rosana Teresa; DEL BARRIO, Lourdes Rodriguez **Políticas e práticas em saúde mental: as evidências em questão**. Ciência & Saúde Coletiva 18 (10): 2797-2805, 2013.

CECCIM, Ricardo. **Educação permanente em saúde: um desafio ambicioso e necessário**. Interface – Comunic, Educ, v. 9, n. 16, p. 161-177, set 2004/fev. 2005.

CECÍLIO, Luis Carlos de Oliveira. Modelos tecno-assistenciais em saúde: da pirâmide ao círculo, uma possibilidade a ser explorada. **Cad. Saúde Públ.**, Rio de Janeiro, 13(3):469-478, jul-set, 1997.

COWAN, James. **El sueño de un cartógrafo**. Rio de Janeiro. Rocco, 1999.

GUIA DA GESTÃO AUTÔNOMA DA MEDICAÇÃO – GAM. Rosana Teresa Onocko Campos; Eduardo Passos; Erotildes Leal; Analice Palombini; Octavio Serpa ET AL. DSC/FCM/UNICAMP; AFLORE; IPUB/UFRJ; DP/UFF; DP/UFRGS, 2012. Disponível em: <http://www.fcm.unicamp.br/interfaces/arquivos/ggamBr.pdf>

Dicionário web. <http://www.dicionarioweb.com.br/oficina/>

FAGUNDES, Sandra. **Exigências contemporâneas**. In; Saúde Mental Coletiva. Bagé, v.2, n. 2, p. 2-4.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: RABINOW, P. ; DREYFUS, H. **Foucault uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro. Forense, 1995.

KNIPPLING, Geraldo. **Guaíba, rio não lago**. Disponível em: http://www.popa.com.br/docs/cronicas/rio_guaiba_Contestacao_ampla_5-04_ilustrada.htm. Acesso em 10/01/15.

KUROSAWA, Akira. **Viver. 1952**.

LISPECTOR, Clarice. **Aprendendo a viver**. Rio de Janeiro. Rocco, 2004.

LISPECTOR, Clarice. **A paixão segundo G. H.** Rio de Janeiro. Rocco, 1998.

LUFT, Lya. **O lado fatal**. Rio de Janeiro. Record, 2011.

MERHY, Emerson Elias. **Os Caps e seus trabalhadores: no olho do furacão antimanicomial. Alegria e alívio como dispositivos analisadores**, 2004. Disponível em: <http://paginas.terra.com.br/qaude/mehry/artigos.html>. Acesso em 20 dez. 2015.

MERHY, Emerson Elias. **A perda da dimensão cuidadora na produção da saúde: uma discussão do modelo assistencial e da intervenção no seu modo de trabalhar a assistência**. 2008. Disponível em: www.uff.br/saudecoletiva/professores/merhy/capitulos-10.pdf. Acesso em 13/01/15.

MERHY, Emerson Elias. **Aula magna GHC**. Palestra realizada em Porto Alegre, 28/08/13.

Ministério da Saúde. **Acolhimento com avaliação e classificação de risco**. 2004. Disponível em bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/acolhimento.pdf. Acesso em 13/01/2015.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humano demasiado humano. Um livro para espíritos livres**. São Paulo. Companhia das Letras, 2000.

NOGUEIRA, Alcides. **Lembranças da china**. 1985. Disponível em: <http://spescoladeteatro.org.br/biblioteca/index2.php?buscaAutor=&buscaTitulo=lembra%C3%A7as+da+china&category=> Acesso em 10/12/14.

ONOCKO - CAMPOS, Rosana. **Psicanálise & saúde coletiva: interfaces**. Campinas. Hucitec, 2012.

PALOMBINI, Analice. **Utópicas cidades de nossas andanças: flânerie e amizade no acompanhamento terapêutico**. Fractal: Revista de Psicologia, v. 21 – n. 2, p. 295-318, Maio/Ago. 2009.

PALOMBINI, Analice. **Vertigens de uma psicanálise a céu aberto: a cidade. Contribuições do acompanhamento terapêutico à clínica da reforma psiquiátrica**. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/.../000596452.pdf?> Acesso em 10/12/14.

TINOCO, Stelamaris Gluck. (Des)encontros na crise; construir incertezas, que caminho é este? In: Palombini, Barboza, Fick;(org.). **O cuidado do morar**. Escola de Saúde Pública.Porto Alegre, 2014.

YASUI, Silvio. **Rupturas e encontros. Desafios da reforma psiquiátrica**. Rio de Janeiro. Ed. Fiocruz, 2010.